This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

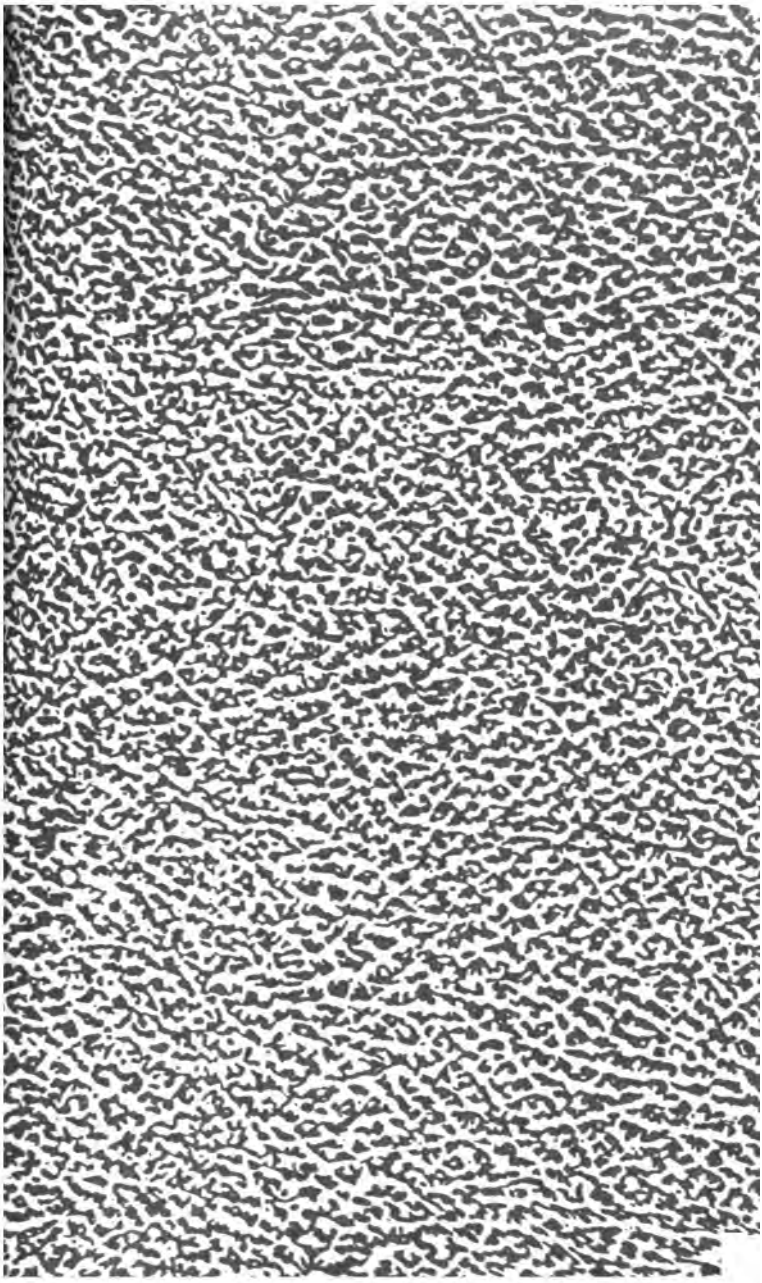
Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

869.8
P6587
sa

A 860,972

UNIVERSITY OF CALIFORNIA
LIBRARY



SATYRAS E GALHOFAS

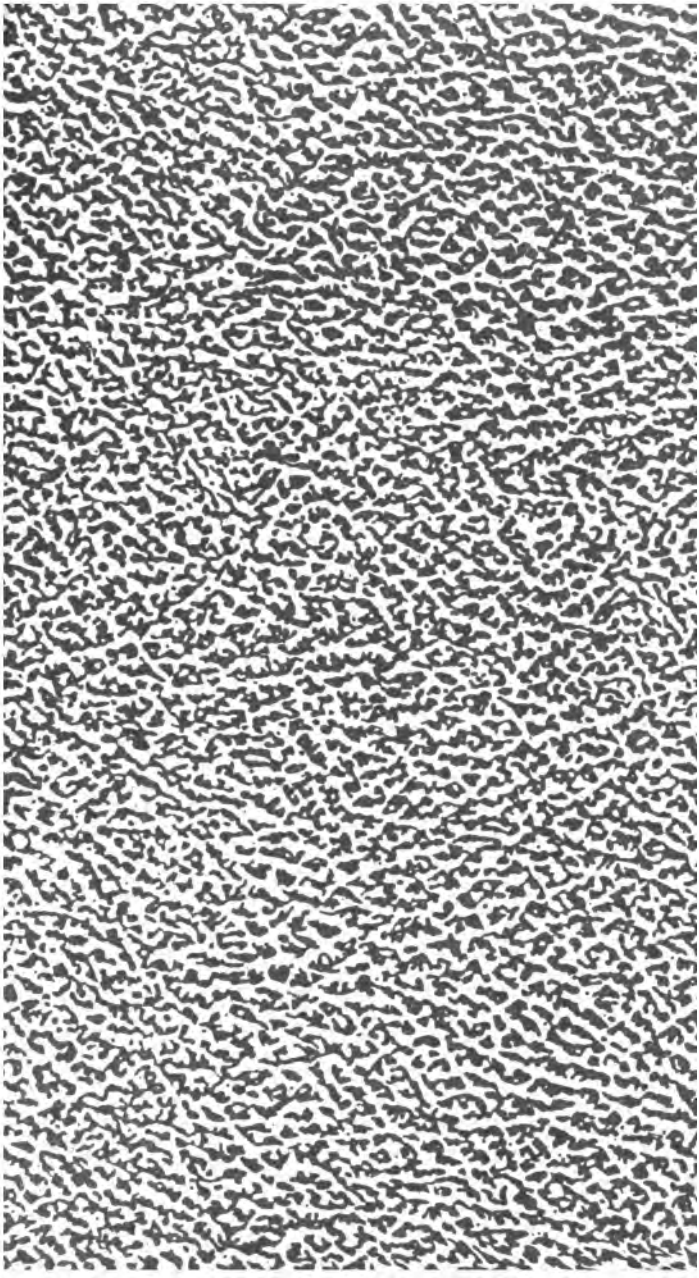
LIVRO DE VERSOS ALEGRES

POR

JOAQUIM P. DE SOUSA MACARIO

LAMEGO
MINERVA DA LOJA VERMELHA
1899

UNIVERSITY OF TORONTO
LIBRARY



SATYRAS E GALHOFAS

LIVRO DE VERSOS ALEGRES

POR

JOAQUIM P. DE SOUSA MACARIO

LAMEGO
MINERVA DA LOJA VERMELHA
1899

SATYRAS E GALHOFAS

Satyras e Galhofas

LIVRO DE VERSOS ALEGRES

POR

JOAQUIM PINTO DE SOUSA MACARIO

LAMEGO
MINERVA DA LOJA VERMELHA
1899

865259-1

ANNUNCIO CONVIDATIVO

Aquelle que com sua assignatura
Honrar este meu livro extraordinario,
Dirá: «Não me enganou Sousa Macario,
A verdade fallou sem impostura.»

Co'o livro, a salvação fica segura,
Escusa-se resar, nem ter rosario,
Nem medico é preciso ou boticario
P'ra se ter corpo são e alma bem pura.

Além d'isto haverá outros proventos,
Que eu sei agradecer, não sou ingrato,
A todos chamarei sabios, portentos.

Muita exc'lencia haverá, e fino trato,
Muito agrado, sorrisos, cumprimentos,
E isto, por tres tostões, é bem barato.

Prefacio

I

N'uma sociedade purulenta e fria, tremula de vicios, ascorosa de cynismo e egoismo, cada alma, com raras excepções, um torpe cano d'exgoto das immundicies mais deplorandas que podem deshonrar e empestar a Humanidade; n'uma sociedade corroida por uma civilisação falsa e scêptica, sem a menor virtude christã, sem a menor vida puramente scientifica—porque a Sciencia pura não póde conduzir á indignidade humana—; n'uma sociedade como esta que apodrenta e infama Portugal, afogando em lodo os mais bellos monumentos e tradições de toda uma Patria sagrada, sem haver Centenarios nem escarmentas que aprumem o brio nacional, que limpem os diamantes do passado, que desenxovalhem uma bandeira que foi o grande lenço heroico e immortal

com que a Civilisação Moderna acenou ás maiores Civilisações de todos os tempos; ah! n'uma sociedade assim, montão de cadaveres repellentes a campar de phalange de cidadãos, eu pasmo, ó poucos que amaes do coração a Patria, que as lyras dos poetas se não tenham estilhaçado para sempre, e que, sob a prosa immunda e ferina, não tenham estalado de horrente asphyxia os peitos que cantam, que amam, que crêem, que têem alma!

N'um meio ignobil em que, desde a Familia ao Estado, tudo é falsidade, hypocrisia, traição, perfidia, aziumando-se a inveja entre paes e filhos, serpeando torva a calumnia entre confrades, rugindo a felonia entre os mais solidarios no triumpho justo do mais justo ideal—da mesma Patria!—; n'este meio gasto e desprezivel, parecia-me devéras que tudo poderia florescer—o insulto, a calumnia, a infamia, a inveja e o descaramento—e nunca essa linguagem colorida, espumante de santas chimeras, da Paixão, que vem da Crença, da Fé, do Amor, do Altruismo, que flûe do Sentimento e do Pensamento em catadupas alvissimas e célicas de rythmos d'ouro, e que, aligeirando angustias e deliciando agruras, enlevando esperanças e embalando sonhos, é para o espirito, azagaiado cruelmente por tanta nevrose doentia, o mesmo que o vivificante perfume silvestre do pinheiral da encosta para o suffocado e esmagado peito do via-

jante misero e só que atravessou, calcinado por um sol em braza, toda a nudez candente e solitaria d'uma charneca infinita!

Não é assim, por Deus. O portuguez, que ainda, apezar de tudo, sabe ser soldado e heroe, o portuguez, que ainda atravessa os mares para honrar a rôta bandeira da sua Patria, ah! o portuguez ainda é trovador, ainda não matou dentro d'alma essa legendaria melancholia, tão sua caracteristica, desfeita em guitarradas dolorosas á beira do mar glauco, emquanto se não ouve o clarim que manda embarcar para os areaes lugubres d'além—Europa! Não morreu ainda esse espirito merencoreo e aventureiro, saltitante de ironias e lagrimas, esbrazeante de illiadas e torneios!

Se temos tudo extrangeirado e barbarisado, traje, costumes, lingua, e litteratura, fervendo os plagios das nevroses extranhas, calcando-se tradições seculares, patriotismo e talento aos pés dos exotismos mais frivolos; se a poesia mesmo anda emporcalhada, como collareja ruim, de satanismos estereis e decadismos imbecis e gratuitos, é, comtudo, como o soldado, o Poeta quem ainda em Portugàl protesta contra o sacrilegio de todos, quem, a espaços, como um enorme relampago audaz e grandioso, fusila da alma do Povo, puro, crente, incorruptivel como os altos visos da cordilheira cyclopica, sincero e balsamico, indomavel e expontaneo, como o rijo vento oloroso que crispa e ondeia as

gargantas e outeiros d'este formoso paiz de serras e jardins.

De facto, se as lyras portuguezas, não raro, se prostituem no alcouce das originalidades apparentes, á custa da servil imitação dos disparates mais ou menos symbolistas de qualquer «boulevardier»—cuja Musa é o Absyntho—todos os dias salvam o caracter nacional bardos como João de Lemos, como João de Deus, como Soares de Passos, como Faustino Novaes, e tantos outros, mortos e vivos, não esquecendo o finado bohemio doloroso, o Hylario, cujo portuguezissimo estro, expontaneo, triste, popularmente subtil de conceito, se desatou em versos que hão de ficar como preciosas cordas da deliciosa guitarra, que se chama a «alma portugueza!»

E d'esta cohorte, onde não faltam poetas que, como o grande Cesario Verde, brilhantemente alliam o espirito da epocha ao sabor nacional, d'esta esteira, singelamente genial, quem de boa fé não pode e deve esperar a efficaz restauração das nossas letras, por vezes estranguladas em *preciosidades* de parnasianismo vasio e em nugacidades de symbolismo grotesco, e tão chilro e convencional, que nem toca as estrellas do sublime nem goteja o menor raio de luz no coração do Povo?

Logico é crer em tal rejuvenescimento, a menos que a Patria não morra em alguma das encruzilhadas a que a levam os libera-

lões e as diplomacias das grandes potencias que tantos serviços *gloriosos* acabam de prestar á Hespanha. porque é curial que, morta a Patria, se lhe fine a Poesia, perfume inconfundivel da sua alma anciosa.

A ser pelo melhor, a alma nacional terá a sua poesia de novo, sem precisar das lengas-lengas de Aristoteles, de Pope ou de Boileau, com aquella inconsciencia sublime que fez escrever a Petrarcha a sua melhor obra, quando o mavioso enamorado de Laura de Noves a julgava indigna das suas outras, pejadas de erudição gravosa, que a posteridade, afinal, conhece, quasi que só a titulo de sciencia de livreiro.

Os povos, como os homens, é bem sabido que apenas são devéras o que o seu temperamento impõe. E querem uma palpitante confirmação do que digo? Porque é que as queixas aliás brilhantemente esteiadas, de Theophilo, Teixeira Bastos e L. Cordeiro, sobre o quasi insucesso da «poesia scientifica» no nosso paiz—ia a dizer em todo o Mundo—levam geitos de resoarem por muito tempo, sem effeito fecundo e apreciavel?

E' que, como todos sentem, o temperamento do portuguez é essencialmente apathico e, portanto, fundamente refractario a concepcionalismos laboriosos; a sua compleição é contemplativa, entrecortando as dolencias de ironias francas e de chalaças—onde se lhe desennovella todo o seu espirito amoroso, li-

geiro e fatalista, e é que tambem—e apoio-me agora no «Brazil Mental» de Bruno—em qualquer paiz, por mais adiantado, se vê que a Poesia não póde, sem risco de se converter em prosa, e das mais didacticas, subir a austera ladeira no topo da qual seria coroada de «scientifica».

E, além do que Bruno nos diz, nós podemos vêr com vista imparcial o que é que a Arte se torna, quando pretende a vestidura estreme da Sciencia. Os meus leitores decerto conhecem o livro conciso—um tudo-nada pedante de atticismo pascaliano—que o conde de Chambrun dedicou á «eschyliana polyphonia» de Wagner, e digam-me, pondo a mão sobre o coração, se o «Crepusculo dos Deuses». ouvido e reouvido, dá, já não digo as sensações que o conde frisa em periodos migalhentos, mas aquellas que é licito esperar d'um verdadeiro trecho de musica.

E' que a Arte, pelo visto, póde e deve ter normas e regras, mesmo consentaneas com o espirito naturalmente progressivo da Humanidade, mas o que ella não admitte—como a não admitte o canto das aves, o murmurio das torrentes, o fulgir das constellações—é a menor imposição de objectivo.

A meu vêr, se o Poeta *se propõe* e não *é levado* por si proprio, por um seu estado d'alma, a cantar isto ou aquillo, como quereis a verdadeira poesia, filha nata da verdadeira Liberdade e da verdadeira Fé?

Entre outras, conheço a arguta defini-

ção de Poesia que no seu «Livro de Criticas» nos dá, em estylo caprichoso, o snr. Luciano Cordeiro. Mas essa, aliás brilhante, definição tem um capitalissimo defeito: definir a poesia da alma do critico, esquecendo a poesia que enche as almas de todos os outros.

Poesia-camartello, poesia clarim, poesia pincel, poesia guitarra ou poesia-oceano,—segundo as definições de alguem—que nos importa afinal, se ella não irromper expontanea e sincera das entranhas do Sentimento?

Li algures, que Carlos Baudelaire escrevia primeiro em prosa, e depois metrificava, os seus desorientadores e exoticos satanismos, que, aliás, vinham a lume nos sonoros versos, quasi impeccaveis, de que Junqueiro nos deu especimens extraordinarios.

Creio que assim seja, a avaliar pelo effeito, cantantemente ôco, que resulta das mais sonorosas estrophes do famoso e paradoxal poeta das «Flores do Mal», e, trabalhando assim, commetteu Baudelaire um duplo crime de lesa-prosa e lesa-poesia, porque privou a França de uma prosa rythmica como a de Loti, e envenenou e banalisou uma linguagem que Lamartine e Hugo—apezar dos effeitos forçados do ultimo=equipararam á do Pindo e Tibur.

Mas, voltando ao assumpto, e contando com a benevolencia que o verdor dos annos, pelo menos, inspira:

Protesta, em Portugal, a poesia contra o extrangeirismo que já aziumava a bilis do

velho Filinto, e um dos protestos mais formosos que me ha sido dado conhecer, é o presente volume de *Sonetos* que, immerecidamente, prefacío por meu expontaneo offerecimento.

Como adeante frisarei, estes versos são genuinamente portuguezes, sem laivos de escola amaneirada, sem labyrintos de theoria refinada, sem pecha de effeitos archi-retumbantes.

Não é um rosario de lagrimas, como tantos outros bellos livros do auctor, injustamente desconhecido do grande publico que elle aliás nunca adulou, nem mesmo procurou: é um feixe de risos, bons como a Sinceridade que os golpha, ás vezes severos como a Justiça, e sempre portuguezissimos pelo esfusiar vivaz da chalaça e pelo causticar do ridiculo. Tem imperfeições como tudo o que não seja Deus, desde o sol que é prodigioso de fáculas, até ao Mar que é soberbo de espumas; tem, d'onde a onde, locuções ligeiras, mas que pureza e naturalidade de verso! que fino espirito scintillante! que imaginação fertil e explendida! que colorido, simples, sem a martellada plastica, ferozmente desoladora, que é apanagio de tantos apotheosados em cafés e folhetins!

Delicioso e vivo, o verso irrompe-lhe, facil, singelo e coriscante, sem um torcicollo, sem um escaninho; vem-lhe á flor d'alma. como a espuma á flor da agua murmura, como a estrella á flor da noite placida e infinita.

Impessoal, mas vigoroso, na Satyra, é explendido de ingenuidade e graça na Galhofa e, principalmente n'esta ultima, de um sabor nacional sem mistura de remminiscencias que façam duvidar da sua originalidade notavel.

Riram assim decerto os nossos sanctos avós, colossos de honra e de saude; hão de rir assim os nossos vindouros, se a Patria viver.

Todavia, atravez d'aquelle riso, estralejante por vezes, o menos profundo perceberá muitas e amargas lagrimas, para que, mais uma vez, seja certo que a verdadeira ironia é uma pura manifestação de Dôr. Mas, não sendo o riso histrionico do apupador, do corrupto pessimista systematico que ostenta as miserias alheias para esconder as suas, como não ha de elle ter junto ao latego de Juvenal a piedade do lyrico, que sepulta a magua em riso? E é este, porventura, o segredo da sua feliz e rara alliança de censor a galhofeiro, alliança tão primorosa que a não descortino egual, em elevação e pureza, no proprio Tolentino.

Mas vamos fallar mais particularmente do poeta, que se dignou acceitar este prefacio, desabafo que já agora, antes de dizer especialmente dos seus «Sonetos», vae entrar nos dominios da biographia, e tão sem favor como tudo o mais.

II

Ha dados biographicos que dizem tudo do biographado, como ha trechos de paizagem que definem toda a alma d'um paiz. Assim com Souza Macario.

Enfeixar os geraes traços da sua vida laboriosissima, sempre digna, e sempre accidentada e tormentosa, brevemente se verá que equivale, muito á certa, a alto-relevar desapaixonadamente a felicissima, poderosa e sympathica alma poetica cuja voz crystallina e rica podereis admirar n'esses sonetos que me permitto apreciar tão sem a menor inveja como sem a menor adulação.

Joaquim Pinto de Sousa Macario nasceu n'esta pittoresca cidade de Lamego, tão fertil em engenhos illustres, de paes de boa linhagem. pois que descendiam das familias dos Pintos de Sousa, casa de Almedina, e dos Queiroz, da casa do Coito, de Medello. Mas d'esta nobreza nunca o poeta fez aquelle gosto que assalta os mais democratas, porque com o que se orgulha deveras é com o saber-se que os seus progenitores foram vivos e raros modelos das velhas virtudes portuguezas. Assim, o distincto poeta remmemora com legitimo orgulho, que os seus avós maternos deveram a sua nobreza ao seguinte rasgo de civismo de um d'elles:

Explodira a guerra. Nas tranquillas serranias de Portugal soprava o grande vento heroico e santo que faz de cada cidadão um

soldado. Comtudo, o poder do inimigo fazia receiar pela exiguidade dos defensores. O thesouro publico, não muito opulento, precisava de preparar-se para as contingencias de uma lucta de duração incerta. Conhecia-se a grande falta que ha sempre, n'estes lances, nos paizes habitualmente pacificos: a falta de homens e de dinheiro.

O futuro fidalgo da casa do Coito, viu isto, esqueceu-se do damno que tão grande, embora voluntario, tributo lhe daria, e, chamando grande numero de homens dos seus dominios, armou-os á sua custa, á sua custa lhes deu viveres, e offereceu-os á Patria!

Mas isto foi maior virtude, se pensarmos que elle fez despezas superiores aos seus recursos, e que, ao ser nobilitado com o Coito, julgou a recompensa superior ao sacrificio.

Aos 11 annos, teve o poeta a infelicidade de perder o pae. Frequentava elle então ainda as primeiras letras, e com notoria negação para as escolas tremendas d'aquelle tempo, ficando, todavia, bem confiado aos cuidados zelosos de sua sancta Mãe, figura varonil e distincta, dotada de um robusto espirito, eminentemente practico, que empolgava a admiração dos que a conheciam sempre infatigavel e austera, á frente de seus feitores e jornaleiros, dirigindo e activando as fainas agricolas e ainda com vagar e carinhosos sorrisos para amparar e educar os seus, tão seus na auspiciosa herança de talentos e actividade.

Assim, pouco depois da perda do Pae—que tenho visto remmemorar ao Poeta com uma saudade enternecedora—Souza Macario matriculava-se nas aulas de latim, regidas com toda a proficiencia pelo grande latinista e estimavel poeta João Teixeira de Mesquita, vendo logo este celebre professor no seu novo discipulo a florescencia do mais esperançoso talento e tambem a mais curiosa e indomavel negação para a monotonia severa dos estudos officiaes. E' que o endiabrado rapaz revelava-se peritissimo bloqueador de ninhos, denodado jogador do pião, asperrimo e epico general de tremendos granadeiros, de fralda ao vento, é certo, mas dignos de Achilles no mavorcio aprumo com que manejavam as espingardas de canna e agitavam as enormes barretinas de pardo papelão. Era elle o terror das hortas e dos terreiros, o Attila dos pomares e dos ouvidos burguezes, homerico de vozes de commando, de pelejas de pedrada espessa, de rufos em panellas velhas e, ao fim da tarde, apenas um pouco menos grandioso quando pelas orelhas o levavam a casa para repousar das fadigas de tanta refrega onde não havia gota de latinidade.

A sua passagem, pois, pelas varandas do «Hic, haec, hoc» foi tão proficua como a de João de Deus—e de tantos homens de genio—pelos ensebados amphitheatros da Universidade de Coimbra.

Viu a mãe com pezar que o Poeta se

não apegava ás letras officiaes, e assim permittiu que o Tancredo em larva seguisse, aos 17 annos, ainda incompletos, a carreira que já o seu temperamento impetuoso lhe fizera seguir em espirito. Assentou praça, Sousa Macario, no regimento d'infanteria 9, seguindo depois para Lisboa d'onde regressou reformado em general, por lhe náo permittir o amor da familia que fosse tomar posse do commando de caçadores 11, aquartelado muito longe da sua terra.

Sousa Macario, sinceramente devotado á sua carreira, e refractario como sempre o fôra, a estudos paćientes, nem por distracção, até aos 21 annos lêra um só poeta. Se, ás vezes, nos latibulos da alma lhe parecia ouvir como que um cantico de ouro e crystal a susurrar mysterios e bizarrias, ou se lhe affigurava isso o murmurio febril d'um vago sonho da mocidade ardente—que tantas vezes lhe deu louros capazes de empallidecerem o Leonardo da Ilha dos Amores—ou o como que exotismo incoherente que pulsa em todos os peitos juvenis, quando se entra na Vida, cheio de saude, alegria e esperança, tendo por astros do Céo, em que se vôa de azas pandas, os olhos das Beatrizes e das Natercias que Deus Nosso Senhor dá para delicia e castigo de videntes e campeões. Supinamente illetrado, com férvida seiva de mosqueteiro beirão—o mais mosqueteiro dos mosqueteiros—tão buliçoso como despreocupado, o Eterno Feminino a

tragar-lhe todos os éstos da radiosa Juventude em flor, que podia elle curar de Pindaros ou Catullos, de Racans ou Tassos, de lyras ou citharas, ainda mesmo que uma esculptural Sapho piedosa o viesse proclamar Phaon, com formal despeito das futuras Aglaés lamecenses ?

Comtudo, como—e o presente livro o demonstra—o seu primacial feitio tinha de ser uma philosophica jovialidade, ainda que, por vezes, adolentada por uma vaga tristeza, crua como um pungente presentimento, o bello Poeta, sem attentar no alcance de seus vôos, sem os aquilatar, por méro pendor nativo, ia innundando o quartel do 9, e logo a cidade, de vivazes poesias humoristicas, troçando typos e costumes, casos e coisas, a pedido dos seus muitos amigos, e sem mais arte do que aquella que, potentissima de sal innato, lhe resultava, espumejante e hilare, da alma muito expansiva e vibrátil.

E tal ruido fez a sua veia chocarreira, que não se dedignou de lhe apanhar um dos escriptos, com interesse, o que foi illustrado capitão do 9, José Roberto Marques dos Santos.

Este digno militar, cheio de sincera estima pelo Poeta inconsciente, dirigiu-se ao dr. Antonio Zagallo, a pedir-lhe que guiasse e alentasse tão promettedor talento. O dr. Antonio Zagallo—cujo poema *A Vaccina* vejo citado por Bruno, quando dá noticia

do fracasso dos poemas «scientificos»—era, além d'um clinico notabilissimo, um grande poeta philosophico, hoje injustamente desconhecido, porque os lamecenses, que pódem, ainda não quizeram dar á estampa uma edição cuidada e definitiva dos seus conceituosos sonetos.

Talento robustissimo, mentalidade que honrára mais as aulas universitarias do seu tempo do que ellas a elle, era dotado, como todos os verdadeiros sabios, de uma bondade desartificiosa e impeccavel. N'aquelle homem, prodigioso de entendimento e sciencia, não podia caber a ruim inveja que, não raro, leva á calumnia escandalosa e á intriga perfida, quando não ao crime livido e monstruoso. Sincerissimo e nobre de caracter, nem o gafavam falsas modestias nem espalhafatosos pedantismos.

O dr. Antonio Zagallo, apressou-se em chamar o joven militar e, com o mais affectuoso e dedicado empenho, deu-lhe algumas sabias lições de metrificação que Sousa Macario desde logo assimilou com a mais completa facilidade, porque, como todos os verdadeiros poetas, a harmonia e melodia nativas já, desde os seus primeiros versos mais incorrectos, o desviavam das principaes asperezas e agudos erros que tantos outros, que conhecemos, nunca lograrão evitar por mais que manuseiem e deletreiem os dictames do sonóro Castilho e de quejandos fontenarios de regras e rimas.

Mas o novel poeta desprezou por muito tempo as paternaes licções do notavel medico, teimando em não lêr os poetas, como vivamente lhe fôra aconselhado. Rebeldia? Preguiça? Medo de perder em leituras o tempo e o estro? Talvez tudo isto, e, a meu ver, a ultima razão é legitima, permittindo-me a liberdade de tornar, por causa d'ella, ao insuccesso da pretendida «poesia scientifica».

E' meu ponto de fé—e decerto o será de muita gente—que o verdadeiro erudito perde a imaginação, perde a audacia concepcional, perde mesmo a originalidade, porque se fatiga atraz d'um novo, completamente novo, «modo de ser» e de «parecer», inattingivel como o Infinito, porque, sabendo muito, involuntariamente se enreda em recordações de obras alheias, e ainda porque a sua muita erudição, dando-lhe tão difficil paladar que o faz limar e relimar todas as suas producções expontaneas, o leva a imitar, servilmente e inconscientemente, tal ou tal poeta que lhe deixou no espirito tão profunda impressão indelevel, que, muitas vezes, a julga ser o seu proprio sentir e pensar, ou, pelo menos, a unica realisação do seu trabalhado Ideal do Bello e do Sublime.

Por outro lado, se o erudito refugia o seu intellecto em lucubrações meramente scientificas, a sua linguagem é tão árida e precisa que a poesia não existe, como não

existe nunca onde escasseia a phantasia. Porisso, poderemos ver que um sabio seja um poderoso e ponderoso critico; poeta, e poeta d'alma, poeta devéras, pouquissimas vezes, ou nunca!

Pensaria assim Sousa Macario? Talvez. O que sei é que a sua scintillante veia humoristica continuou, como até ahi, a lampejar gracejos e inoffensivos causticos, até que, num dia de amaritude inesperada, uma grande angustia lhe crispou o coração, sempre até ahi impante de alegria franca e inexgotavel. Educado por pais austerissimos, verdadeiramente virtuosos, Sousa Macario que nunca d'elles recebera senão os mais brilhantes e adoraveis exemplos de sincera virtude e sincero amor, amava e era amado dos seus irmãos, explendidos exemplares de leal e hoje bem rara fraternidade. Porisso, ao passamento luctuosissimo de uma sua querida irmã, a grande alma do poeta escabujou de lancinante dôr, e, no fel acerrimo das suas primeiras lagrimas—bemdictas e inolvidaveis lagrimas!—conheceu elle, de sobejo, que a sua explendida Musa não era só festiva e travêssa, mas que tambem se estorcia de amargura, na incomparavel tristeza infinita de uma saudade sem remedio!

A sua primeira dôr cruciante inspiroulhe, pois, uns admiraveis versos elegiacos vertidos do fundo d'alma, sobre o coval lúgubre onde se encerrára, de chófre, toda a

primavera da sancta irmã finada. Que sabor inexprimivel não haviam de ter para o Poeta as primeiras lagrimas do infortunio successivo que constituiu toda a sua vida até ás primeiras cãs!

Leu essa elegía angustiada um correspondente em Lamego do «Norte», jornal que se publicou no Porto, e tão emocionante foi a impressão recebida que o mesmo benemerito correspondente, depois de lhe tecer os mais justos e fervorosos elogios, fez dos auspiciosos versos um folhetim que o «Norte» de bom grado publicou.

D'esta publicidade derivou para o Poeta a revelação do seu proprio valor. Só então viu, á puridade, que era devéras poeta, e isto fêl-o sondar com entranhada paixão a sua pujante alma, até ahi insondavel aos seus proprios olhos. Assim, começou de ler com mais aturada attenção os seus versos, e affincou-se devéras a tudo quanto podesse adestrál-o no vôo pleno e artistico do seu estro. Foi um trabalho insano, mas felizmente fecundo. Estudando Castilho e varios dictadores litterarios, lendo e comparando poetas, Sousa Macario retocou suas poesias com verdadeira febre.

Entretanto, pelo seu casamento com uma formosa e bondosa senhora, creára familia que ia crescendo de anno para anno e que se via obrigado a sustentar á custa dos mais duros e ingentes sacrificios.

Imagine-se a espinhosa e febril vida

afanosa do nosso Poeta. Militar tão laborioso como immaculado (como o foi sempre, e como o attesta eloquentemente a sua folha de serviços, de que não consta a menor reprehensão), sendo, durante 35 annos, um activo e intelligente instructor, celebre pelos seus conhecimentos de tactica a que, não raro, recorriam officiaes de patente superior; modestamente alimentado, segundo os seus parcos recursos, que tinha de distribuir por numerosos filhos; Sousa Macario, comtudo, teve sempre tempo de estudar, poetar e leccionar, não fallando já nas horas que dedicava ao Theatro, de que foi ensaiador e amador distinctissimo, á Musica em que logrou ser um invulgar instrumentista, e ao Desenho em que, pela elegancia e firmeza do traço, se salientou entre outros.

Que lucta enorme, que colossal dispendio de energias não representa essa obscura vida, heroica e digna! A Musa a encandescer-lhe a alma, o pão escasso para tantos filhos queridos, e ainda as canceiras da fadigosa vida militar a roubarem-lhe o tempo mais precioso!

Manhãs d'anil e rosas, tão propicias á Poesia, ia passal-as, fatigado por um pequeno somno inquieto, ao campo de manobras, d'onde trabalhando sempre, mesmo emquanto comia, se afferrava a outros labores, os mais variados e agros; e, apezar d'isso, apezar de tantas difficuldades, de

tantas preoccupações, de tantas lides, o bello Poeta nunca esmoreceu, sorrindo sempre sereno e resignado, e tendo ainda tempo, e forças, e alegria pura e extatica para acarinhar e educar primorosamente os filhos gentis e intelligentes que, docemente e nobremente illuminados pelos tocantes e altos exemplos de seus Paes, resultaram tão dignos e unidos irmãos como nobres e prestadios cidadãos.

Isto diz tudo do valor moral de Sousa Macario, sinceramente bom, amando tanto uns filhos como os outros, affectuoso sem hypocrisia, justiceiro sem exaggero, revendo-se, do coração, no bom nome d'elles todos—cujos talentos muitas vezes chega a reputar superiores aos seus proprios—patriarcha verdadeiro, d'esses que fizeram da familia portugueza um perfeito templo de paz, trabalho, honra e amor.

Foi n'esse glorioso tempo de herculea lucta, que elle deu a lume o seu primeiro livro—Recreios Poeticos—collecção preciosa de versos expontaneos e limpidos, sem grandes effeitos artisticos, mas docemente encantadores de natural simplicidade e, para mais singelo encanto, ainda precedidos de umas palavras ingenuas e francas, onde, sem o menor dos rebuços, nos diz da exiguidade dos seus cabedaes litterarios de então, e d'onde—porque o li e reli com insuffocavel interesse—colho os apontamentos biographicos que vou explanando, porque nos

deixou alli o poeta a mais attrahente e sincera das autobiographias.

Animado pelo estimavel successo que acolheu o seu primeiro livro, Sousa Macario, que via avolumar incessantemente as suas difficuldades pela educação e alimentação d'uma familia cada vez mais numerosa, pensou então em escrever mais para ter pão do que para se aureolar de uma gloria que, aliás, uma vida mais desafogada e repousada lhe teria logo dado em obras de mais folego.

Assim, além de dois bons livros sobre assumptos militares, o Poeta fez publicar, seguidamente, as seguintes obras: «Recreios Poeticos», 2.º e 3.º volumes (onde burila o lyrismo puro do primeiro volume); «Harpa Eólia», (collecção de lyricas fugitivas e sentidas); «O Destino» (romance muito popular no norte, embora escripto com demasiada pressa); «Elvira d'Armenio», (livro d'amores, perfeito e sentidissimo); «Gracejos» (muito desopilantes de expontanea graça portugueza); «Rumores da Tarde», (a sua obra-prima-lyrica); «Punição» (eloquente desabafo patriotico); «Portugal Chorographico» e «Portugal Historico», (dois poemas de grande trabalho, entresachados de trechos felicissimos); «Scenas da minha Aldeia» (novella idyllica e simples); «Infinito Amor» (romance dramatico, de uma moralidade impeccavel) alem de innumeras poesias, lyri-

cas e causticas, espalhadas pela imprensa do paiz.

Mas ainda não é tudo. Sousa Macario tem promptos para publicar os seguintes ineditos: «Vingança d'um Bandido» (romance), «Poema da Natureza», «Lagrimas», «Patria e Familia», «Flores Singelas», «Carapuças», etc., obras destinadas, pelo menos, ao successo das anteriores e da que hoje é dada á estampa.

Mas, emquanto o inspirado poeta ia affirmando o seu alto valor com uma fecundidade tão extraordinaria, que lhe não conhecemos hoje egual, o Infortunio, sem attentar no fel da sua vida de espinhos, ia-o ferindo nos imos d'alma com infernal persistencia dolorosa.

Quando, numa relativa abastança, antegostava, risonho, intimamente feliz, a doce tranquillidade, tantos annos justamente appetecida, cresceu sobre o seu lar o vulto glacido da Morte, roubando-lhe a amantissima esposa encantadora. E, com pequenos intervallos, em golpes inexoraveis, pouco depois, uma filha adorada, gentil como sua Mãe, e dois filhos estremecidos, já numa posição distincta, lhe fugiram dos braços, trementes de angustia, para o mesmo irremediavel abysmo que lhe tragára a sancta companheira, não se cansando o Infortunio, até ha poucos mezes de o ferir ainda com a perda d'uma formosa e bondosa filha cujo inesperado passamento deixou asphyxiados

de lagrimas uma extremosa irmã e um pobre esposo, que o Poeta ama como a um filho!

«Ama y sufre hasta el martirio», disse Zorilla um dia, como se adivinhasse toda a colossal dôr que resumbra da vida do nosso Poeta, mesmo no outomno dos seus annos, tão áspera e crúamente trabalhados. Mas que admira? O que é que assignala devéras o doloroso condão do genio? É o infortunio que não toca senão, de leve, o egoista que cifra todo o seu intellecto na sciencia de contas miudas, num «Deve e Haver» que elle reputa o ápice do valor humano; é a amargura d'um calix que o vulgo considera taça de proscennio nas mãos d'um louco, mais ou menos sublime, e que não é senão o cumprimento d'aquelle fatalismo que Soares de Passos exprime neste verso das suas mais bellas odes: «Vae, padece, é teu fadario!»

Sousa Macario é poeta d'alma; na alma, pois, tem sentido, e ha-de sentir sempre a angustia que só punge os bons e os sinceros, mesmo quando riem, ou talvez mesmo porque riem.

Foi pouco antes do ultimo desgosto, a que me refiro, que eu conheci de perto o nosso bello Poeta. Uma expontanea concordancia de ideaes, vivissima afinidade de tendencias, egual e não forçado desprezo por convenções chilras e «grandezas de encommenda»—feitas á custa de philantropias velhacas, de empalmações, miserias e aza-

res asininos—emfim, a similitude de compleição mental e moral approximou-nos cordealmente, como que solidariamente. A breve trecho da nossa leal convivencia, vi que o Poeta escreve sempre sem preoccupações artisticas, dando livre vasante aos impulsos da sua opulenta alma sensivel, sem curar de escólas ou systemas, progredindo de verso para verso meramente pelo uso de um estro que se aperfeiçôa quanto mais se expande, cantando-lhe sempre no intimo do coração a mesma ingenua melodia e a mesma harmonia expontanea que lhe floresceram á superficie dos primeiros versos. Quando chora, quando a dôr lhe humedece as cordas da lyra, as lagrimas vêem-se burbotar-lhe do coração sem os velhos esgarés de alguns Ovidios academicos: quando ri, o seu expansivo riso delicioso deriva-lhe da alma como o caudal da nascente poderosa, sem resaibo de esforço, do lamentavel esforço, de tantos que versejam de olhos postos nas faccecias do leviano Abbade de Jazente.

Bem mais capaz de crear uma Arte exclusivamente sua do que de soffrer dictaduras artisticas, o seu verso é tão filho do seu genio, como os seus filhos o fôram do seu amor. Rythmo puro e musical, ondulação naturalissima de estrophe, sobriedade admiravel de imagens e conceitos, julgo eu serem as suas inconfundiveis qualidades principaes, e, d'isso plenamente convencido, e depois de lhe ouvir os seus—até ahi unicos

—sete ou oito sonetos, roguei-lhe que ao soneto se dedicasse, porque, no meu humilde modo de ver, nesse difficil e tão malversado genero, o esperavam certamente brilhantes e raros triumphos.

O poeta condescendeu, e é indizivel a quantidade de sonetos, satyiricos e galhofeiros, que todos os dias me ia lendo numa radiosa e até inesperada fecundidade. Depressa me convenci, por tão naturaes e puros especimens, de que Sousa Macario era muito capaz de, em menos de uma semana, me fornecer material para um grosso volume de tão difficeis como conceituosas composições. E assim foi, movendo-me eu a pedir-lhe com empenho, que fizesse imprimir em livro -que eu prefaciaria com o maior orgulho de ter sido inspirador do seu intento—tantas e tão scintillantes joias.

Annuiu Sousa Macario mais por não poder resistir ás sinceras instancias de um amigo do que por cheia confiança no exito do commettimento, porque deve saber-se que o Poeta duvida sempre do seu grande merito, e com tão extraordinaria modestia que, apezar dos elogios que mereceu, desde o principio da sua carreira litteraria, ao grande poeta Antonio Feliciano de Castilho, ao erudito escriptor militar Claudio de Chaby, ao conhecido e genial critico, discipulo—amado de Camillo, Silva Pinto, ao talentoso publicista Francisco Antonio Marques e a Antonio Albino d'Andrade—poeta

scintillante e erudito e sensatissimo critico —nunca ousou dar a devida publicidade ás suas obras, nunca se acercou de jornalistas, como é usança, nunca sollicitou juizos criticos, principalmente pelo receio de que o suspeitassem de pedidor de reclamos.

E é commovente o saber-se, que o unico «juizo critico» que, além d'este esboço atabalhoado, acompanhou obra sua, foi o de Francisco Antonio Marques que o fez ver a luz do dia da maneira, que abaixo se verá.

Publicára Sousa Macario um livro de versos a que a imprensa, que, ás vezes, apotheosa nephelibatas e pataratas, mal se referiu. O Poeta, que nunca se incommodou com esse silencio, estava um dia fruindo no seu lar uma das suas rarissimas horas d'ocio, quando lhe annunciaram a visita d'um desconhecido, aliás seu collega, como professor, n'um dos collegios do Porto, cidade onde isto se passou.

O visitante, alto, espadaúdo, quasi adamastoriano, saudou-o com terrifica gravidade bizarra, e logo á queima-roupa vozeou, que ia escrever o mais sangrento e descomposto libello accusatorio contra os seus versos. Pasmou naturalmente o Poeta de tão insolita audacia em sua propria casa, e, depois de pequeno dialogo, ponderou modestamente ao pretendido Aristarcho, que achava bem estranhavel que elle se preoccupasse com um auctor que escrevia principal-

mente para ampliar os seus meios de subsistencia, e que nunca aspirára ás menores honrarias litterarias. Retorquiu ferinamente o colosso, até que Sousa Macario, n'um resignado desdem, lhe declarou, que aguardava socegadamente a verrina promettida na firme certeza de que isso lhe não tiraria um minuto de seu somno. Então, o Zoilo sacou uns linguados, e começou de ler em voz minaz e olympica. Aos primeiros periodos logo ao Poeta pareceu que o Adamastor só o era na figura hercúlea e hirsuta, e, pouco depois, com o mais surprehendente dos pasmos, viu que o rugido da catilinaria não passava de uma ardente e fervorosa apotheose, d'um enthusiastico elogio, que viu a luz do dia n'um jornal portuense. O Adamastor, pseudo-Aristarcho, era Francisco Antonio Marques, poeta de merito, auctor da poesia que vem n'uma das obras de S. Macario, e que começa por estes sonoros versos:

Eil-a por terra a altiva e magestosa França!
Na ampulheta do Tempo a hora da vingança.
Tremenda alfim soou! etc.

Pouco depois, Sousa Macario fez imprimir outro volume de versos, e qual não foi o seu espanto quando, ao receber a obra impressa, viu que era precedida de um longo e encomiastico juizo-critico assignado por Francisco Antonio Marques que, peitan-

do o impressor, que se houve habilmente na tiragem das provas, se regosijou de lhe fazer mais uma gentil surpreza!

Mas é tempo de fallar especialmente dos «Sonetos», e de deixar esta minha tagarellice de provinciano rude, que desenferruja a lingua por dá cá aquella palha. Vamos lá, que já não é cedo.

III

O soneto, em que se immortalisaram Bocage, Camões, João de Deus, Anthero de Quental, João Penha, Luiz Guimarães, e tantos outros, é uma das composições que julgo modernamente mais maltractadas pelos petroleiros versejadores que todos nós sabemos. Descahindo nas mãos dos parnasianos até á frivolidade do fecho, da sua belleza essencial, quéda que mal se desculpa ao grande talento formal de Gonçalves Crespo o soneto portuguez é considerado progressivo por muitos, só porque perdeu a sua caracteristica indestructivel. Em summa: pretende-se provar, que o soneto não é um pequeno poema cujo primeiro verso é o portico d'um templo que tem por cúpula e synthese o ultimo verso, mas sim um feixe de quatorze versos, cujos tercetos, já dispostos a talante do metrificador, pódem exprimir uma banalidade ainda maior do que as que se estiram nos quartettos. Invoca-se, para tal revolução esteril, o apregoado espirito

da Liberdade, que, á ultima hora, desculpa, em tiradas macabras, as mais refinadas licenças.

Deixando imparcialmente o respeito a tradicções e usanças, só pergunto se as revoluções legitimas não são só aquellas que encaminham as ideias e os sentimentos para um verdadeiro e fecundo progresso. E que fecundo e verdadeiro progresso póde advir á Poesia, dando um fecho prosaico e frio ao Soneto? Que beneficio colhe a Poesia em se trabalhar por que ella seja menos poetica, e isto quando ninguem se deshonra em escrever boa prosa? Mas o que é mais triste é o saber-se, que o sacrilegio vem menos da monomania revolucionaria do que da febre truanesca de se impar de originalidade, ainda que ella tenha de emparelhar-se, em bom senso, com a do alegre Rosalino Candido de Sampaio e Brito, e seus sequazes. Por sêde de originalidade, dão-se no Meio Dia coisas grotescas e lúgubres, que salientam Tartarins e Jaymes Josés.

É a excessiva e desorientada sêde de originalidade, que insulta os nossos melhores ideaes, as nossas mais puras tradicções, os nossos mais dignos costumes; é ella até quem faz do habil artifice, ou do bom caixeiro, um casmurro candidato a homem de lettras; do prestavel rachador de lenha, ás vezes, um orador maniaco e insupportavel; d'um orate, um pamphletario bilioso e fa-

bricante de escandalos; d'um militar um philosopho chilro ou um tolo espirito-forte; do bom industrial, um bacharel, e do bom bacharel um politico e até do pobre diabo um caceteiro e um criminoso! Porque «ser original» no Meio Día, tambem é, geralmente, o ser-se diametralmente opposto áquillo que as nossas faculdades mentaes requerem; ser-se o que se não é.

Não fogem os poetas a tal pendor de raça, que a corrupção embala e avoluma. Impotentes para revolucionarem ideias, patenteiam a sua originalidade em anarchisarem formulas que o bom senso impoz. Vasios de sinceridade, como a civilisação gasta de que são os cogumellos, pelejam pela florescencia dos exotismos mais doentes e estereis, que o seu imbecilismo, e a ancia de gozarem da fama, por um minuto que seja, lhes podem suggerir.

Que admira que nem o Soneto escapasse? Muito mais admira que, ennojados de tédio, os verdadeiros Poetas não tenham preferido o partir a lyra a protestarem, sem echo, em sonetos musicaes e correctos, contra tanta imbecilidade e frivolidade.

Sousa Macario é dos que protestam, e com eloquente valor, e julgo não poder apresentar melhor amostra dos seus thesouros, e, ao mesmo tempo, melhores exemplares do que é a verdadeira Satyra e a verdadeira Galhofa, do que os seguintes dois pri-

morosos sonetos, que o leitor pode reler, com gosto adiante no livro, como:

SATYRA

Doutor! Sabio doutor! Genio! Portento!
etc., etc.

e o da

GALHOFA

que principia assim:

Eu quando era rapaz, (e não me gabo)
etc., etc.

Como decerto verão, cá temos o velho e formoso soneto, puro, musical, e com a elevação do conceito a derivar numa naturalidade perfeita. Na *Satyra*, vê-se bem o latego rijo, corrigindo porque deprime magistralmente a nullidade fátua que faz resaltar, alegrando e deleitando porque o poeta é dono de um finissimo espirito que faz amar o caustico, decerto mais duro se não fosse tão primorosamente aligeirado.

Na *Galhofa*, o auctor, na encantadora vontade de se rir de si proprio, maneja com felicidade e naturalidade extremas a hyperbole alacrissima que é tão inseparavel feitio das bravatas meridionaes, sendo certo que o admiravel fecho do soneto é um modelo de humorismo e de verdade, porque o

peninsular, quasi sempre, prefere ser celebre pela brutalidade da força physica, pela quixotismo, pela aventura bellicosa e assombrosa, a ter talento ou virtude, ou mesmo caracter.

Apresentando, de preferencia, estes dois magnificos sonetos, eu não esqueço o alto valor plastico e esthetico de primores incontestaveis como todos os demais são, nomeadamente os que castigam os costumes.

Finos exemplares de chiste gil-vicentiano, de candente pujança de estro, de perfeição sem maneirismo precioso, de perpetua naturalidade e em fulgente melodia, todos elles merecem ser lidos e relidos, principalmente por espiritos que soltem os seus primeiros vôos nos largos céos da Poesia.

Versos admiraveis, bebe-se n'elles inspiração e conselho; ha sinceridade e arte em felicissimo enlace, presidido e como que consagrado pela mais sã e deleitosa moralidade. As suas rimas são faceis e puras, sem espumas de bombasticos esdruxulos. Dentro d'aquelle rythmo, perfeitamente musical, nada se estorce ou se força; tudo é puro, simples, sincero e fecundo.

Sem ridiculas rebeldias ou innovações exoticas, o soneto é sempre o velho soneto conceituoso dos melhores mestres da poesia portugueza.

Alma e criterio, elevação e melodia, conceito e chiste, philosophia e imaginação —caracterisam larga e brilhantemente estes

versos de S. Macario que só perdem em não terem prefacio mais condigno e perfeito. A linguagem, portuguezissima. sem gallicismos, é tão bem adaptada ao assumpto, que só essa adaptação, hoje tão rara, lhe serviria de louro, a não merecer tantos outros.

IV

Muito de proposito, reservei para o fim uma affirmação que julgo incontestavel: no nosso mercado litterario, este livro, no seu genero, vai ser unico. Ninguem, de resto, em Portugal publicou ainda tão homogeneo feixe de satyras e galhofas. Mas, honra de Lamego e honra da litteratura portugueza, porisso mesmo hade ser alvo de muitos desdens forçados, que occultem desesperos, vesgos como a impotencia mental e sentimental que os dictará, espinhos, porem, tão proprios de quem tantas rosas ostenta, que hão-de ficar como que mais um travor, inseparavel da existencia do Poeta, que o incitem a dar a lume ainda outros primores, assim expontaneos e portuguezes de lei.

Lamentando só ser tão debil e desauctorisado timoneiro d'esta barca gentil que vai vogar sobre as ondas da publicidade, tudo em mim folga, do coração, ao saber que Sousa Macario, dando este producto glorioso do seu genio, sempre joven, protesta assim, muito melhor do que a minha prosa amarellenta, contra a prostituição es-

candalosa que do espirito nacional fazem poetas e prosadores, famosos em reclamos e sueltos, ás vezes implorados de joelhos na mais chata desvergonha, e que ainda nos dá simultaneamente um magnifico especimen da poesia do futuro, em Portugal, que, a ter de ser portugueza, nem será scientifica, nem decadista, mas, seja sob que forma, sempre essencialmente melancholica e lyrica, ou sinceramente alegre e boa, um tudonada caustica, e inconfundivelmente moralisadora e balsamica.

Que o publico assim o queira ver, e uma justa ovação, opulenta de enthusiasmo d'alma, nimbará de flores immarcessivies a bella fronte encanecida do distincto e verdadeirissimo Poeta.

Que o publico leia com os olhos d'alma, sem preconceitos de escóla, e a poesia, de que este livro é modelo, bannirá depressa tantos monstros de lyra pintalgada de chinezices, que rouquejam insanias e blasphemias sobre o sagrado sólo encantador onde suspirou o poeta do «Campo de Flores», onde trovejou e ciciou Camões, onde se escreveu a maior epopeia do Mundo e o maior Cancioneiro do Amor.

J. Agostinho d'Oliveira.

P. S.—Depois de ter escripto o prolixo, mas desauctorisado, prefacio, que acabam de ler, deparou-se-me um magnifico

soneto, que segue, d'um illustre poeta que se acoberta modestamente no pseudonymo de P. Semirne. O soneto, como vão ver, é um primor de inspiração e arte, mas muito mais nos leva a dar-lhe publicidade a rara justiça que d'elle transparece, e tão nobre e perfeita, que é uma confirmação brilhante do juizo que pallidamente acima deixamos esboçado:

A PENNA DE SOUSA MACARIO

«Fluente e clara, rispida e vibrante,
Austera, epigrammatica, brejeira,
Satyrica, chistosa, galhofeira,
E como o raio ás vezes fulminante;

Consoladora em hora agonisante,
Suave e doce, angelical, fagueira,
Poetica de genio, aventureira,
Reflexo de crystal e diamante;

Cheia de luz na inspiração divina
Onde ri como candida açucena
Ou pensa como angelica bonina;

Na lousa tumular calma e serena,
E nas trevas da dôr luz matutina,
Eis de Sousa Macario a firme penna».

11—11—98.

PEDRO SEMIRNE.

AO MEU SENSOR

Levantas o meu livro a tanta fama,
Que não sei, meu amigo, o que será;
Co'meu nome, não sei se o livro irá
Tocar o Empyrio ou chafordar na lama.

Talvez dos zoilos passe pela rama,
Porem d'elles a lingua é coisa má,
Coisa que pela inveja insultos dá
No morder o inscriptor, se o não infama.

Tu, affirmas que só pura verdade
Encerra o teu prefacio, e nua e crua,
Que não contem encomios d'amizade.

Vou a publica o livro por na rua
Se o assaltar a cruel mordacidade,
Não é só culpa minha, é tambem tua.

APRESENTAÇÃO DO LIVRO

Leitor, ahi tem um livro exposto em praça publica!
É de lamber o beiço! é de X. P. T. O.!
Não ha n'isto exagero! é coisa papa fina!
Obra d'embasbacar! livro todo liró!!

Em regras e em primor nem bom é fallar n'isso,
Posso dizer-lhe já, sem mêdo d'enganar
Que nem mesmo Camões por mais que hoje *esgadanhe*
Um livro póde assim ao mundo apresentar.

E vou dar-lhe a razão do modo porque fallo
Assim do livro meu, levando o caso a serio
P'ra que não vá julgar que eu sou algum vaidoso
Que feito um *Palafox*, sou homem sem criterio

Vrá, que em lhe mostrando a minha geração
O livro ha-de saudar com o chapeu na mão:

*

* *

Homero era meu pae e minha mãe a Sapho,
Minerva, minha avó, Erato, minha tia,
Venus, que á minha mãe serviu de parteira,
Lavou-me de Hippocréne em aguas de poesia.

Creei-me no Parnaso, e ali fui educado
Entregue á minha tia, entregue ao deus Apollo,
Cresci sempre emballado em berços d'harmonias,
Das Musas a saltar de côllo para côllo.

E, em vez de papa em leite, assorda com assucar
Que dão cá aos—*bébés*—o nectar e ambrosia,
Chupava só por lá! aquillo era um regallo!!
Não ha nada melhor, que inspire mais poesia!

Fiquei por tanto assim todo um maná de graça!
D'engenho, arte e primor, um mar d'inspiração!
Por isso hoje ninguem melhor do que eu no mundo
Póde a lyra tanger, tocar o rabecão.

Mas inda mesmo assim p'ra dar mais brilho ao livro,
Não me quiz isemptar a ter novas canceiras,
Andei para o escrever, pelo armazem d'Apollo,
Moderna inspiração sugando das torneiras.

Já vê, pode comprar o livro, e, sem receio,
Pagal-o por bom preço, e, sem olhar p'ra traz,
Quando acabar de o ler, de lhe tomar o gosto,
Ha-de o beiço lamber, chamar-lhe um ananaz.

Mas, veja não lhe dê na *bôlha*, por tarello!
P'ra dizer mal do livro, ou mal do seu auctor.,
Diga, pelo contrario impondo um grande espanto,
Que livro! Santo Deus!! Que graça! Que primor!!

Bem sabe que hoje em dia o merito não voga,
Só valle o *espalhafato*, a fama e nada mais,
Ha muitos *rouxinoes* que passam olvidados,
Córvos. que ganham fama, e tornam-se immortaes.

Eu, da immortalidade,—e fallo com franqueza—
Bem pouco se me dá, ou não me emporta nada,
Apenas tenho em vista, a fama p'ra barriga,
Que vale hoje Camões a fama apregoada.

Vamos ao livro pois, compre, e diga aos amigos
Que o livro é muito bom, que vão comprar tambem,
Bem vê que do poeta o fado è não ter *cheta*,
E eu tenho de poeta a volsa sem vintem.

RESPOSTA A UMA CARTA QUE NICOLAU TOLENTINO DIRIGIU DO OUTRO MUNDO AO AUCTOR D'ESTE LIVRO

Lisboa, 1.º—2.º—89.

NICOLAU:

Recebi a tua carta
E vejo o que me dizes do outro mundo,
Confessas que de ti nunca se farta não aparta
O teu fado cruel, sempre iracundo,
Nunca a *pança* por cá tiveste farta,
Mas lá que o teu martyrio é mais profundo,
Lamento, meu amigo, que assim seja,
Mas, dos que estão por cá, não haja inveja.

Dizes que és lampianista logo á entrada
Do céo, e que S. Pedro é teu amigo;
Mas, que por teres cá lingua damnada,
Embirram lá no céu muito comtigo!
Dizes q'reres voltar á *Lisbia* amada
P'ra viveres aqui junto co'migo,
Mal sabes tu, meu velho Tolentino,
Quanto fôra isso em ti um desatino!

Isto por cá, não é o que foi d'antes,
É hoje um purgatorio! uma inferneira!
A cidade já chega quasi a Abrantes!
E, por ter muita gente, ha já *lazeira!*
E abundam de tal forma os meliantes
Dos que sabem metter mãos na algibeira,
Que é preciso um policia, bem armado,
P'ra cada cidadão andar guardado.

Isto está tudo torto! Transformado!
Todos se tratam já por excellencia;
Com ares, cada qual, d'afidalgado,
Soffrem por este mal triste demencia!
Qualquer, p'ra ser ministro ou deputado,
Se julga com saber, e competencia!
Todos, mettendo á Patria gorda espiga,
Só tratam bem da bolsa e... da barriga!

Pelas ruas, em carros estofados,
Sentados os lacaios, vão gozando!
Emquanto que, em cocheiros transformados,
Os fidalgos os carros vão guiando!
Ha homens já com homens namorados,
Tudo n'uma balburdia, e alto desmando!
Ha-de custar-te a crêr! ha até senhoras
Mais homens que mulheres, e doutoras!

E todas, noite e dia, pelas ruas
Navegam, já sosinhas, á vontade,
E aos homens. *graçolinhas lá das suas,*
Apresentam com toda a liberdade!

E os donos de taes *náus,* de taes *faluas,*
Dos naufragios não temem a impiedade,
De forma que os naufragios, meu amigo,
São tantos!! e óra adeus! chamam-lhe um *figo!*

As egrejas já estão quasi desertas,
Só ás moscas entregues, e ás baratas,
E quando, aos domingos, são abertas,
Chamam ás que lá vão, tolas, beatas!
Ao passo que mui anchas, mui espertas,
Com mira no *casorio,* as taes fragatas,
Aos cardumes passando alegre vida,
Innundam os theatros, e a Avenida. (1)

Qualquer fedelho, apenas de dez annos,
Já fuma, e joga as cartas e namora;
Se vão, por troça, ao templo taes insanos,
Precisa o *enxota-cães* pôl-os lá fóra;
E assim vão caminhando nos enganos
Da pôdre educação que o céo deplora;
Depois, já pódes vêr, por taes assômos
Quem póde ser juiz com taes *mordômos!?*

Fazem-se hoje viagens em vapores
Que, voando pela terra e pelos mares,
Vão em sete minutos aos Açores
E em menos d'um minuto a Valladares.
A guerra! Santo Deus! ergue terrores,
Que fazem *tiritar* os militares!
E' tanta, e de tal forma, a artilheria,
Que alcança já d'aqui á Alexandria!

(1) Tu não sabes o que è a Avenida, nem eu t'o digo.

Usa cada soldado uma espingarda
Que dá sete mil tiros por minuto!
E só deixam agora vestir farda
A quem fôr mais membrudo e féro bruto!
E cada general, gordo, bojarda,
No seu officio ou arte, é tão astuto
De forma que, se cá tivermos guerra,
Ninguem fica de pé! Vae tudo a terra!

Isto por cá, mudou completamente!
Nem tu nada já d'isto conhecias;
As mulheres nem teem cara de gente,
São figuras de gesso! e muito esguias!
Até mesmo o idioma está diff'rente
De forma que já nada percebias!
E se julgas que minto no que digo,
Eu passo a bem provar-t'o, meu amigo:

*

* *

Os verbos foram mudados,
Não ficou um só depé!
São hoje assim consid'rados:
Gritar, é fazer *banzé!*
Chama-se ao fugir *raspar*,
Liscar, safar e pisgar,
'Té mesmo *passar o pé.*

O morrer é *arrefecer*;
E o calar, *engulir*.
Namorar, é *padecer*,
Chama-se ao comer *murquir!*
Espreitar, diz-se *cocar*,
Bater, *zurzir* e *zupar*,
Olhar p'ra dentro, é dormir!

Chama-sa ao roubar, *arranjo!*
Ou inglezar e chiprar!
Não sei porque desarranjo
E *fazer* o passeiar;
O ignorante, *é ser cego!*
Empenhar, *é pôr no prego!*
O tremer, é *tiritar*.

Ninguem falla como d'antes;
Tudo assim, tudo mudou!
'Té mesmo a palha d'Abrantes
De letria o nome achou!
Nem mesmo julgam sêr erro
A um cão chamarem-lhe pêrro,
E os calotes serem *cães*,
E o caloteiro, *cãoseiro*,
E chelpa qualquer dinheiro,
E cheta os proprios vintens.

Amantes, são *padecentes!*
A officina, *atelier!*
Mestres d'escolas, são *lentes!*
É a carruagem, *coupé!*

Pernas magras, são *varetas !*
Botas tortas, são *palhetas !*
São os narizes, *fungões !*
A desordem, *zaragata !*
E cara, *figura* ou *lata !*
E as mentiras, são *palões !*

Chama-se á cabeça, *pinha !*
Chama-se ao janota, *pão !*
Ter azar, é ter *gallinha !*
Mentir, é ser *intrujão !*
O ser máu, é ser *má rolha !*
Não ter juizo, é ter *bolha !*
Chamam ao vinho *briôl !*
E *toucado* á bebedeira,
Carraspana, e *capoteira,*
E á barriga, *pança* e *fól !*

São as creadas, *sopeiras !*
Ser gentil, é ser *liró !*
Aos olhos, chamam *setteiras !*
Ser limpo, é *quite de pó !*
N'um jardim um charco é *lago !*
Dinheiro em geral, é *bago !*
Um puding, é um *poré !*
Mulher esguia é *fanéca !*
Cavallo magro, é *pilléca !*
Chama-se ao suor *chulé !*

Jogar, é fazer *batota !*
E' *café* o botequim !
Perder, é levar *derrota !*
É um barulho, *chinfrim !*

O sobscripto, *enveloppe!*
Chamam-se as valsas *galope!*
A um ramalhete, *bouquet!*
E *hoteis* ás hospedarias!
As medianeiras são *tias!*
O ter gosto, é ter *filé!*

A vara d'outr'ora, é *metro!*
Decilitro o quarteirão!
Trocou-se em *bandurra* o plectro,
Bom cavalleiro, é *calção!*
Chama-se ás libras *piratas!*
Pômo de terra ás batatas!
Ao valentão *Ferra-Braz!*
Ao municipal, um *guita!*
Á mulher alta, *guarita!*
Ao homem alto, *lambaz!*

É *fauteuil*, uma cadeira!
E *sofá*, um canapé!
E' *pandega*, a brincadeira!
Ao povo chamam-lhe *Zé!*
Chama-se *instituto*, a escola!
Banza e *bandurra*, a viola!
As gazetas, são *jornaes!*
Ser peralta, é ser *penétra!*
Edecetra, e édecetra,
E assim muitas coisas mais.

Já vês d'esta maneira, meu amigo,
Que vinhas tu fazer cá por Lisboa?!
Teus versos não valiam hoje um figo,
Nem rimas encontravas p'ra uma lôa;
Sem saberes fallar, feito um mendigo,
Sem te intender sequer, uma pessoa,
Ai! amigo, não venhas, tem juizo,
Não troques pelo inferno o teu p'raizo.

DEDICATORIA

A Nicolau Tolentino

Ao grande Semi-deus da palmatoria,
Este livro consagro p'ra memoria.

Este livro, cauterio posto em braza
Que escrevi p'ra curar a humanidade,
Honesto, e p'ra tornar em sanidade
As infecções moraes em qualquer casa,

Porque os enfermos queima e o vicio abraza,
E não tem da torpeza a faculdade,
Não ácha cá no mundo a quem agrade,
Dizem ser raio mau que tudo abraza

È livro que por cá fica ás escuras,
Quando devia ser bem estimado,
Por que contém em si doutrinas puras.

Olha, meu Tolentino malogrado,
Se não colhes no céo assignaturas,
Ninguem chega a saber te foi sagrado.

Dentada no pobre Tolentino

Tolentino, tu foste um Jeremias,
Um triste pedinchão muito estafado;
E admira tivesses alcançado
Certa fama que tu não merecias.

A satyra carece d'um Golias
D'alfange em punho e braço arregaçado,
E não, tal como tu, velho acanhado
Só com alguma graça p'ra folias.

Os vicios, não se extinguem com brinquedo;
Vê como Deus lhes fez lá por Gomorra,
E' preciso um farpão e verso azedo.

Portanto, em quanto a mim, velho de bôrra,
Ou foste um fracalhão, e tinhas medo,
Ou poeta manhoso, muito zôrra.

GABAÇÃO

Eu, quando era rapaz (e não me gabo,)
Era tão arrojado e tão valente,
Que, ao vêr sete leões na minha frente,
Prendi-os todos sete pelo rabo.

'Num circo, por brincar, tambem dei cabo
De dez toiros, matando-os de repente.
Furei um couraçado só co'um dente,
Emfim, fiz avarias do diabo.

Agora, já vou indo em decadencia,
Mas fui, sem me gabar, um valentão;
Valeu ao mundo o eu ter muita prudencia.

Inda hoje, dizer posso, e sem questão:
Seis burros, terão mais intelligencia,
Mas, mais força do que eu, isso é que não.

GABAÇÃO

Eu sou, como poeta, hoje no mundo,
O mais sublime, e quasi divindade;
E o mundo, cá dirá á post'ridade
O valor do meu éstro alti-profundo.

N'este bojudo órbe assim rotundo,
Já desde o meu verdor da mocidade,
Quando tres annos só tinha de edade,
Me chamavam poeta sem segundo.

Erguem-me em toda a parte monumentos!
Até mesmo em Ormuz, em Ceuta e Féz!
E chamam-me portento dos portentos!

E em altos pedestaes, de barro ou grés,
Vejo o meu vulto erguido aos quatro ventos,
Com azas, com focinho e quatro pés! (1)

(1) Seria isto p'ra mim um insulto, se não soubesse que represento o Pégaso, illustre filho de Medusa, e mui querido das musas.

GABAÇÃO

Fui na musica um *barra!* fiz delirio
Quando escrevi a op'reta «O Piparote!»
Verdi, ficou pasmado, mas, por zóte,
Zombando, apregoou que eu era um *lirio.*

Donizetti, (já morto) um bom martyrio
Soffreu d'inveja, e deu-me o seu pinote,
Quando a grande obra fiz do «D. Quixote»,
E phantasiei «As Magicas do Empyreo.»

De Retter, Gottschalk que—*farelorio,*—
Cada qual se julgava mais profundo,
Eu era-lhes inferno ou purgatorio.

Mozart, inda julgou ser sem segundo,
Porém, em toda a parte é bem notorio,
Que eu fui o melhor musico do mundo. (1)

(1) O meu instrumento favorito, era o berimbau.

GABAÇÃO

Como pintor, eu fui mais que Wan-Dick
Sup'rior a Murillo e a Raphael,
Rubens, louvava muito o meu pincel,
Ghigi, dizia eu ser um pintor *chic*.

Co'migo Miguel Angelo em despique,
Pintou com muito esmero n'um painel
Como eu pintei, o archanjo Gabriel,
Mas, como eu, não lhe deu tão bello *tic*.

Em dança, fui mais leve que uma penna,
Em mimo, no dançar, era um francez,
Se tinha, por meu par, boa pequena.

Hoje danço, mas lá de mez a mez,
E por velho, não entro mal na arena,
Inda me saio bem no *sólo-inglez*. (1)

(1) E na chula, e... etc. e etc.

GABAÇÃO

Quando rapaz, eu fui muito formoso;
Como no mundo assim outro não vi,
E não sei como então me não perdi
No charco da toleima, por vaidoso.

Quando beijos pedia, por guloso,
A qualquer rapariga, ali, aqui,
Eram beijos aos mil, p'ra aqui, p'ra ali;
De beijos, em rapaz, fui bem mimoso!

Agora, estou mais velho, mas, no entanto,
Velhote inda com graça e ageitadinho;
E um homem, por ser velho, não é santo.

Inda hoje (aqui para nós) mas, segredinho!
A's vezes, de fugida, em qualquer canto
Consigo inda chupar o meu beijinho. (1)

(1) E, 'nesta edade sabem tão bem!

GABAÇÃO

As Musas, andam lá pelo Parnaso
Em grande *zaragata*, em grande pleito;
E Apollo vive pouco satisfeito
Ao ver que d'elle já não fazem caso.

È um inferno por lá! vae tudo raso!
E dizem, tudo ser por meu respeito,
Que, com meus versos d'alma em doce effeito,
D'ellas os corações d'amor abrazo.

Querem que do Parnaso eu seja o Apollo,
Querem lá erigir-me um monumento,
Symb'lisando o seu deus, d'ellas ao collo.

Poeta fico assim sendo um portento!
Qualquer dia me leva o deus Eólo
Nas dôces virações d'eóleo vento. (1)

(1) E eu vou! Olé se vou!

GABAÇÃO

Quando eu, já no Parnaso repimpado,
Me vir governador, deus dos poetas,
E pelas minhas Musas mais dilectas
Com toda a arte e primor aprimorado,

Hei-de ter sempre em vista, e a meu cuidado,
O livrar este mundo de patetas
Que nas suas *cacholas* já infectas,
Mostram ter éstro pôdre, engangrenado.

Quando vir algum parvo em dura empreza,
Aos sôcos á harmonia, embora em metro,
Em metro amartellado, sem pureza,

Do meu poder brandindo o aureo sceptro,
Ou lhe mando o condão da natureza,
Ou mando um raio a escangalhar-lhe o plectro (1)

[1] Caramba! Se o Apollo d'hoje fosse como eu vou ser, ha que tempos eu estaria fulminado

GABAÇÃO

LAMEGO EM FESTA!

NO DIA DO MEU ANNIVERSARIO NATALICIO, 28 DE AGÓSTO

Que grande festa!! Que pasmosa gala
Enche Lamego de prazer profundo!
Repicam sinos n'um troar jocundo!
Ha até foguetes, fogo de Bengala!!

Tudo alegre a cantar! Ninguem se cala!
Lamego assim em festa, assombra o mundo!
Na cidade, do cima até ao fundo
Das flores grato aroma tudo exhala!

O gáudio, toca do delirio a meta!
Todos dançam ao som do fado Hylario!
E' uma festa *d'arromba* a mais selecta!!

E tudo p'ra saudar o anniversario,
Do grande vulto, do famoso poeta
Risonho, folgazão, SOUSA MACARIO.

Confissão geral

AOS FUTUROS LEITORES, POIS QUE OS ACTUAES JÁ ME CONHECEM HA MUITO

Ora, leitor, confesse com franqueza,
Se deu credito ao que hei basofiado,
Deve dizer de mim, maravilhado:
«Eis um parto sem par da natureza!

Dotado de elegancia! de belleza!
Bom musico e pintor abalisado!
Poeta, e dançarino laureado!»
Razão tem de pasmar, e com certeza.

Mas... nada d'isso! Agora, francamente,
Confesso: Não fui mais do que um pateta;
Cobarde como um cão, nem fui valente.

Quiz saber tudo, mas, em linha recta,
Nunca avancei, não dei um passo em frente:
Só por ser pobre, é que me fiz poeta. (1) (2)

(1) E poeta dos d'agua doce,
(2) Oh! com um milhão de diabos que lá vomitei toda a verdade, quando nem todas se dizem!!

*

SEM MENTIR

Eu d'antes, já se vê, muito illudido,
Julgava-me dotado de talento,
E dizia (p'ra mim) sou um portento;
Tornava-me por tanto presumido.

Fazia o meu discurso, era atrevido,
Deitava asneiras mil soltas ao vento;
Quando, coitado, eu era um lazarento,
De eloquencia e saber bem desprovido.

Em seguida, estudei, e muito a fundo,
Mas, sem ter da int'lligencia alto vigor,
Nunca cheguei a ser sabio profundo.

Tudo esqueci depois; e, hoje a rigor,
Apenas me supponho n'este mundo
Com sua licença, um burro, meu leitor.

Ora toma lá pinhões

Em pleito o Firmamento com a Terra,
Disputam qual dos dois tem mais nobreza;
O Firmamento, p'ra mostrar belleza,
Mette o sol e as estrellas tudo em guerra.

'Nesta basofia os dois, berra que berra,
Mostra o Globo Terrestre mais firmeza,
De vencer tendo em si toda a certeza,
Do Firmamento o orgulho assim desterra;

—Como estás illudido, Firmamento!
Do vaidoso a illusão é seu fadario;
Que vale do teu sol o luzimento?

Um eclipse torna-o bem precario,
Emquanto nada offusca o mer'cimento,
Do meu fulgente sol, Sousa Macario. (1)

(1) O firmamento, coçando a cabeça, vê-se obrigado a capetular.

Morra o homem, fique a fama

Se no futuro gente justiceira
Quizer eternisar meu mer'cimento,
Mandando-me erigir um monumento
N'um saguão, n'uma praça, ou n'uma eira,

Se d'esta fórma assim, d'esta maneira,
Aos vindouros provarem meu talento,
Dirão todos de mim: «Oh! Que portento!
Que cara que elle tinha tão brejeira!!»

E eu no céo, todo teso! empavonado,
De basofia movido e d'alegria,
A ninguem fallarei de empertigado.

Se chego assim da fama a tal valia,
Julgando o céo p'ra mim muito acanhado,
Nem a Deus fallarei por soberbia.

A quem ler os meus versos depois da minha morte

Leitor, porque estou morto, e no teu mundo,
Além de cinza e pó, não sou mais nada,
Não digas mal da minha versalhada
N'ella fallo comtigo e bem jocundo.

Bem sei que sabichão não fui a fundo,
E, então d'intelligencia, nem pitada!
E a musa foi p'ra mim muito escamada,
Talvez por eu ser feio e mui rotundo.

Tu, não sejas assim, falla commigo;
Bem vês, que muito fiz para agradar-te;
E eu no céo te darei provas d'amigo.

Que tu, has-de ir p'ra o céo; para outra parte
Não vaes, por que eu no céo tudo consigo,
E um logar ao meu lado hei-de guardar-te (1)

(1) Em vez de me criticares, reza-me pela alma.

ORA CHUPA, VELHOTE!

Um velho, sem ser eu,—*Um... Zé Pantana*—
Vendo uma joven linda e até formosa.
Disse-lhe com doçura, em voz fanhosa:
«Ai! que bella tu és, minha magana!!»

E, continuando assim em lucta insana,
Em louca pretensão, chôcha e teimosa,
Ella voltou-se, e disse, um tanto irosa:
«Quem lhe paga o sermão, seu safardana?»

Elle ficou co'a cara n'uma braza;
Mas, inda com afagos lisongeiros,
Não desistia d'arrastar-lhe a aza.

Ella tornou com modos altaneiros:
«Vá bater a outra porta; n'esta casa,
«Não ha palha nem grão para sendeiros.» (1)

(1) Ora toma, *Zé Pantana*

SUPPLICA Á MUSA

SATYRA

Musa, vae-te com Deus, já principias
A causar n'este mundo grande enfado;
Se queres que eu não seja um desgraçado,
Inspira-me ao cantar só melodias.

D'este mundo os tinhosos e os harpias
Dizem que sou mordaz, mal educado,
E, pódem dar-me cabo do costado,
E tu d'um vara-pau não me desvias.

Silencio, pois são muitos os chagados,
Gente de mau pensar, de vida impura,
Larapios, caloteiros e larvados.

Deixa baixar meu éstro á cova escura;
Se os tinhosos não podem ser curados,
Que vale trabalhar p'ra lhes dar cura?

QUE MALDITA MUSA!

(Lá vae satyra a um bacharel que se formou com perdões d'actos)

Doutor, sabio doutor! genio!! portento!!!
Se depois de morreres eu ficar,
Hei-de em tua memoria levantar
Em largo pedestal um monumento.

Symbolizar-te-ha bronzeo jumento,
De pé, co'a pata d'reita alçada ao ar,
E n'ella, junto ao casco, ha-de mostrar
Carta de bacharel, teu ornamento!

E, para mais honrar tua memoria,
Alem de erguer em bronze o teu retrato,
Descreverei assim a tua historia:

Tinha este bom doutor barbas de gato!
Talento—*d'avestruz*—e teve a gloria
De se formar com cinco perdões d'ato!!!!!

PITADA POR ADIANTAMENTO

A qualquer Zoilo que tente dar-me algum pinote, mesmo quando já esteja no outro mundo

O' Zoilo safardana, asno iracundo,
P'ra que te hasde entreter a coicinhar?
Não vês que me não podes alcançar,
Por mais coices que dês por esse mundo?

Morto, estou já da cova cá no fundo;
Como vivo, rirei do teu zurrar;
E tu, zurra-caturra, d'ornear,
Não colhes nada, e ficas mais immundo.

Ao publico, ou lhe causas nôjo ou riso,
Pois cauza rizo a inveja n'um sendeiro
P'ra quem só palha e grão é bem preciso.

Como vivo, eu rirei do cão rafeiro,
E, se estiver no céo, no meu p'raizo,
Por dó perdoarei ao *chocarreiro.*

SUPPLICA AO ANJO DA MINHA GUARDA

Satyra

Anjo da minha guarda, tem cautella,
Guarda-me bem, olha que o caso é serio,
A musa que me inspira, é sem criterio,
'Stá velha, tonta, feia e tem remela.

E eu, pôsto por Apollo ás ordens d'ella,
Sou forçado a aturar-lhe o duro imperio,
E a velha, faz de mim ígneo cauterio,
E quer que eu 'steja a dar sempre á t'ramella

Os viciosos são muitos hoje em dia,
E, se fizessem uso d'uma albarda,
Eu, ao vel-os ao longe, fugiria;

Assim, póde vir um, co'uma espingarda,
E dar cabo de mim sem cortezia. . .
Guarda-me bem, Anjo da minha guarda.

ATRIBULAÇÕES D'UM NAMORADO

Esconde, meiga lua, o teu semblante,
Deixa ficar a noite bem cerrada,
Que eu tenho que fallar á minha amada
Debaixo da janella ou do mirante.

Por meu fado cruel, sempre constante,
Não tendo na algibeira nem pitada,
Puz a roupa no *prego* pendurada,
E tenho de cumprir dever d'amante.

Bem sabes, sou um triste sonetista,
Que do poeta a algibeira é sempre lisa;
Lua, ajuda-me, pois, 'nesta conquista.

Não quero que perceba a minha Elisa,
Que vou, p'ra ter com ella, uma entrevista
Em meias, quási em fralda de camisa.

Em sonhos não ha firmeza

Quando na cama estou espernegado,
E o somno me não quer vir dar descanço,
Em mil tolices a pensar me lanço,
O somno pondo assim mais espantado.

Castellos mil no ar tenho formado,
Na mente, a emprezas lautas penso e avanço,
Mas, por mais que medito, e que me canço,
Nada, nada por fim tenho alcançado.

Dormindo, tenho sonhos engraçados,
Alguns, são taes, que mesmo os não direi;
Sonhos, ás vezes, mesmo afortunados.

Uma noite, meu Deus! O que eu sonhei!
No throno rei me vi de dez estados,
Mas, fui deposto apenas acordei.

Isto agora é muito a serio

Ando ha muito a scismar constantemente,
E sempre a perguntar, (mas só a mim),
Se no céo fallarão grego ou latim,
Ou inda outro idiôma assim diff'rente.

Se, 'nessa multidão de tanta gente
Cada qual seu idiôma falla emfim,
Entre essa barafunda, esse *chinfrim*,
Eu vou fazer figura de demente.

Vou velho p'ra estudar, e nem decóra
O meu *caco*, e é bem árdua e dura a empreza,
E n'isto ando a pensar a toda a hora.

Sómente me recorda uma defeza:
Logo que entre no céo, vou sem demora,
Metter-me na colonia portugueza. (1).

(1) E levo os meus sonetos, p'ra vêr se lá arranjo a vendel-os.

O MEU LIVRO!

A QUALQUER JORNALISTA QUE DIGA MAL D'ESTE MEU LIVRO QUANDO FOR ENVIADO COMO OFFERTA A DIVERSAS REDACÇÕES DOS JORNAES

O' malvado! pois tu és tão ingrato
Que dizes mal assim do meu livrinho?!
Gostava bem de vêr o teu focinho,
Que decerto é de cão, de burro, ou gato.

Pois não vês, que eu não faço espalhafato,
Que o mando á luz do mundo com geitinho,
Pobremente vestido, modestinho,
E não como um fidalgo em apparato!

Causa nojo a má lingua, escarneo e riso;
Se tu, por teres fome, és gazeteiro,
Precisas ser mais sério e ter mais siso.

E ha outros modos de ganhar dinheiro;
Eu vou-te indicar um: Se tens juizo,
Passa de jornalista a jornaleiro. (1)

[1] Lá darás carreira mais direita.

O MEU LIVRO

AO JORNALISTA QUE LOUVAR E AGRADECER O MEU LIVRO QUANDO LHE FOR OFFERTADO

Obrigado, senhor, muito obrigado;
Isto é que é ser deveras cavalheiro,
Isto é que é bem fallar d'um livro inteiro
Com saber, com primor desafrontado.

Só um Zoilo, d'inveja amachucado,
A's vezes, pouco mais do que um sendeiro,
E' que vem, ás dentadas qual rafeiro,
Morder por condicção, por ser damnado.

Vossa Excellencia, é justo e agradecido,
Louva o que é bom, e sabe condizer
Ao mimo que lhe foi offerecido.

Grato lhe fico, pois, e póde-o crer,
Sempre amigo, leal, reconhecido,
E... Passe muito bem, até mais vêr. (1)

(1) Este ultimo verso, é dito com uma grande venia e chapéo na mão.

OS VERSOS D'UM ZOÏLO

SATYRA

Versos sem mimo, graça ou sentimento,
Enxabidos, impuros, mal azados;
Versos sem harmonia, amachucados,
Versos de palavrões soltos ao vento.

Versos, uns cataplasmas d'unguento,
Versos chochos, tolhidos, acanhados,
Versos d'um éstro pôdre, amartellados,
Versos de trolha tosco, *chocarrento.*

Versos feitos á enxó, e, com trabalho;
Versos que, em vez do d'reito, são do avêsso,
Versos feitos a murro. a marra e a malho.

Versos para cantar só pelo cêsso,
Versos, enfim, aos versos enxovalho,
São assim os d'um parvo que eu conheço.

Porto, 1877.

O MEU PROGRAMMA

SATYRA

Quando parte eu fizer do ministerio,
Por vangloria, não mais, é bom se intenda,
Direi, como ministro da fazenda:
Bota p'ra cá, ó Zé—o caso é serio.

Que a patria morra e vá p'ra o cemiterio,
Que vá dada ao estrangeiro como prenda,
Que a sua historia fique sendo lenda,
Que importa, visto á luz d'um bom criterio!?

De quantos teem a patria governado
Eu sigo o exemplo, e creio d'esta vez
Que dou fim ao que os mais teem começado.

Que importa ser francez ou ser inglez?
Se os mais teem a patria espesinhado,
Baixo o panno, e dou fim a este entremez.

Maldito chinó!

Puz um dia chinó; emfim, coitado
De quem se vê de todo já careca;
Tanto mais, quem tem queixos de rebeca,
Taes como são os meus, por avelhado.

Emfim, co'o meu chinó bem penteado,
A namorar corri por Seca e Meca;
Como toda a mulher na asneira pecca,
Houve uma que me quiz p'ra namorado.

Tudo corria bem; a minha amada
Fallava-me de dia, a toda a hora,
Sempre em corresponder-me dedicada.

Mas, o chinó fatal saltou-me fóra
Ao tirar-lhe o chapéu, e, ella aterrada:
Passe lá muito bem; foi-se. . . e, até agora.

ATÉ O SOL GOSTA DOS MEUS VERSOS...

Parou um dia o sol no firmamento
Fazendo oscillações e mil caretas!
E viam-se voar muitas gazetas,
Que para elle corriam com o vento.

Muita gente, do caso fez commento,
Oc'los em riste, *lorinhões*, lunetas,
Fôscos vidros com furos e com gretas,
Tudo a espreitar! tudo p'ra o sol attento!

E o sol a rir, a rir como um perdido!
E a terra, já se vê, tambem parada,
Fez tudo isto espantar! fez alarido!

E o que havia de ser?! Não foi mais nada:
'Stava o sol nas gazetas divertido
A ler os versos meus, á gargalhada.

SÓ OS MEUS VERSOS FAZEM RIR A LUA

A lua é muito grave, muito séria,
Raras vezes se vê mostrar um dente,
Creio que vive muito pobremente,
Comendo moscas na região etherea.

Não lhe dão as estrellas muita léria,
O sol, por mais fidalgo e mais fulgente,
D'ella caso não faz, e, tão sómente
Dá-lhe luz, por ter dó de tal miseria.

Ella, para acalmar sua tristeza,
Compra jornaes, e lê versos facetos,
Coitada, esquece a lêr sua pobreza.

Gosta dos versos meus quando d'espetos
Vão os vicios tosar, e, com certeza,
Só a fazem sorrir os meus sonetos.

ATÈ AS ESTRELLAS ME QUEREM!

Da immensa vastidão do firmamento,
Em nome das estrellas, tres estrellas,
Vieram meigas, lindas, castas, bellas,
Em commissão louvar meu mer'cimento.

Dizem que sou poéta d'espavento!
Poeta bem tirado das canellas!
Propõem-me que vá subir com ellas
No aureo carro da Fama ao ethereo assento.

Nunca julguei assim merecer tanto!
Nem que o meu éstro, apenas galhofeiro,
Produzisse ás estrellas tal espanto.

Mas, não vou—pósso lá d'esse poleiro
Desabar por me dar algum quebranto,
E vir dar com as ventas n'um sedeiro.

A PATROA E O CRIADO

SATYRA

—José, prepara a burra com andilhas,
Das cilhas, põe-lhe a nova, a mais pequena,
Ao criado, a patroa assim ordena
Com respeito á jumenta e mesmo ás cilhas.

Este caso, passou-se por Cacilhas,
'Numa tarde de v'rão formosa e amena,
Chamava-se esta dama Philomena,
D'oitenta annos e mãe de sete filhas.

Disse o José, com cara descarada:
—A cilha tem-a lá vossa excellencia,
É com o que sahe á rua espartilhada.

Foi como braza em polv'ra! ella em ardencia,
Salta sobre o criado á bofetada,
Bradando: Que patife! que insolencia!!

A um *Paspalhão* com tantas fumaças de fidalgo como de cantor

SATYRA

Tu és de nobre estirpe e muito antiga
Da raça burrical por natureza,
E, distingue-se bem tua nobreza,
Pelas patas e orelhas e a barriga.

E, em talento?! È bom que bem se diga,
Sem o menor disfarce, e com franqueza,
Que, por bem orneares com firmeza,
A ti consid'ração o mundo liga.

Dos passados vem já teu mer'cimento;
Já das lettras vogaes do—*a* ao *u*,
Dizem foi do teu pai famoso invento.

Que teu pai, a ornear, tal como tu,
Foi formando ás vogaes assim o accento:
«Iá. . . ié. . . ií. . . ió. . . iú. . . (1)

[1] Este verso deve dizer-se, imitando o ornear dos burros.

Requerimento pedindo o cargo de regedor da freguezia

Senhor:—Visto que todos 'neste mundo
Querem empregos ter. fazer figura,
Embora seja só por impostura,
Eu tambem nessa ideia emfim abundo.

'Neste reino de empregos tão fecundo,
Em que trapaças mil o povo atura,
Se não fosse o ter brio por natura,
Ministro eu tinha sido, e sem segundo.

Mas eu, para imposturas, p'ra farçadas,
Nunca me conheci d'alta valia,
Mas, d'honras, q'ria ter duas pitadas.

Por isso peço a Vossa Senhoria (1)
Que, vistas as razões apresentadas,
Me faça regedor da freguezia.

[1] Esta senhoria, é a auctoridade competente

O que são as mulheres!

Nos meus tempos as minhas namoradas
De versos eram sempre bem mimosas;
Eu chamava-as jasmins, sucenas, rosas,
Deusas, e muitas outras trapalhadas.

As mais q'ridas, então, eram cantadas,
Em canções mais sentidas, mais pomposas;
Chamava-as anjos, nymphas donairosas,
Estrellas matutinas, meigas fadas.

Cantava-as desde os pés 'té aos cabellos,
Cantava-lhes até os joanetes,
Os biquinhos dos pés, e os tornozellos.

Mas, depois de mil versos, mil motetes,
Versos que éra um gostinho mesmo vêl-os,
Mandavam-me—Alem-Douro—os diabretes.

REMAR CONTRA A MARÉ

Nunca pude fazer coisa com geito
No respeitante ás regras da poesia,
Sahe-me tudo sem graça, prosa fria,
E nunca chego a dar o dó do peito.

Do metro ás prescripções viver subjeito,
Era *canudo* com que não podia,
Acho serem as regras tyrannia,
E eu tyrannos, declaro, não respeito.

Versejo a torto e a d'reito e francamente,
Tomem a confissão por verdadeira,
Nem ando para traz, nem para a frente.

Se p'ra cantar, emprego a boca inteira,
E' certo, sem mentir, que, promptamente,
Ou entra logo mosca, ou sahe asneira. (1)

(1) Mas, eu tanto hei-de teimar até que as musas hão-de fazer de mim um rouxinol.

UM ENXOVALHO!

Deu-se comigo e ainda ha poucos dias
Uma graça p'ra mim pouco engraçada,
Ao som da minha lyra mais temp'rada,
'Stava eu cantando as minhas melodias.

Trazida pelo som das harmonias,
Erâto, sorrateira e disfarçada,
Mas, com franqueza, muito mal creada,
Surprehendeu-me a bradar:—*Que ninharias!*...

E, por escarneo, zás!... Nem sei se o conte!
Pois não esp'rava assim taes enxovalhos,
Poz-me uma grande c'roa sobre a fronte!

Pensei fosse de louros ou carvalhos,
Corri ao espelho que encontrei defronte,
E vi que me c'roou com cascas d'alhos! (1)

[1] Ainda lhe quiz escangalhar a lyra na cabeça, mas, ella *raspou-se* como por encanto.

COMO EU FIQUEI CARECA

Eu tive dois namoros ha vinte annos,
Quando tinha o cabello já grisalho;
Um, era co'uma velha, um espantalho,
E outra, nova com olhos bem maganos.

D'ellas eu não temia ter enganos,
Ou que me déssem mesmo algum trabalho,
Pois viviamos bem, sem nenhum ralho,
Eram só puro amor nossos arcanos.

Ambas ellas gostavam de catar-me,
E eu, gostava tambem de ser catado,
D'ellas no collo então ia deitar-me.

Uma, as brancas tirava, e, por seu lado,
Do que era escuro a velha quiz privar-me,
E fiquei sem cabello, assim pellado.

O CEO TAMBEM É BOM

Qualquer dia tambem me chega a escala
D'ir sonetos fazer para o outro mundo,
Que lá, já do meu éstro alti-profundo
Com espanto e louvor muito se falla.

Meu espirito é bom, e não se rala
De que o corpo lhe vá da campa ao fundo,
O céo tambem é bom, e por jocundo,
Delicias e prazer em tudo exhala.

E eu lá com versalhada d'improviso,
Troça fazendo até aos mais pimpões,
Heide a tombos fazer andar com riso.

O proprio Deus dirá, p'ra os seus botões:
—Agora é que este céo é um paraiso!...
E á d'reita me colloca de Camões.

Quer ser velha?!

Disseram-me ainda ha pouco, que *Vócencia*
Vae mais annos fazer p'ra o mez que vem!
Pois creia que não faz lá muito bem,
E deixe que lhe diga: E' até demencia.

Fazer annos!! E' falta de prudencia!!
Se os vae fazendo assim'té contar cem,
Aos quarenta, verá, nem um vintem
Já terá de valor—tenha paciencia.

Faça-os, mas não os conte p'ra diante,
Vá seguindo o systema do c'ranguejo,
Vá contando, uns p'ra traz outros p'ra a frente.

De os contar para traz não tenha pejo,
Conte assim, que hoje é moda em muita gente,
Salvo, se de ser velha tem desejo.

Até no céo já tenho fama!

Deus andou lá no céo um dia inteiro
Mesmo visivelmente encavacado,
Dizendo: «Não me lembro ter creado
Um genio tão alegre e galhofeiro.

«Quem me diz que o Macario, esse brejeiro,
Tenha a Virgem da Graça do seu lado,
E que, por devoção, tenha alcançado
Da Virgem protecção! Mas que matreiro!!

«Emfim, busca p'ra rir verso innocente,
Tomou p'ra seu Parnaso, o reino meu,
Pediu inspiração á Mãe potente.

Ser-lhe-ha eternisado o nome seu;
No mundo agradará a toda a gente;
Será o meu poeta aqui no céo.»

O meu programma quando estiver na governança

Satyra

Criem-se mais comarcas, mais districtos,
Mais *nichos*, mais *papanças*, mais bispados,
Mais empregos p'ra dar aos afilhados,
'Té reforma aos factores de palitos.

Os contribuintes são como os cabritos.
Dóceis como borregos estafados;
Bem sei que são uns pobres desgraçados,
Que, para terem pão, gemem afflictos.

Mas, que importa?! Estou eu na governança?
Que importa o Zé trabalhe em seus rigores?
O Zé que encha de vento a magra pança.

Eu, quando precisar dos eleitores,
Para me equilibrar bem na balança,
Sempre terei por mim os comedores.

A LINGUA DAS MULHERES!

SATYRA

Depois de se beijarem mutuamente
Virginia e Philomena, *muito amigas*,
E de terem já feito quatro figas,
Mas d'um modo subtil e occultamente,

Cada qual affirmando francamente
Que de dictos não eram, nem d'intrigas,
Dando as linguas ás mais duras fadigas,
Nenhuma foi vencida em maldizente.

Abriram o catálogo dos vicios,
Passaram em revista as conhecidas,
Censurando namoros e artificios.

De que tinham as duas suas f'ridas,
Não deram uma á outra alguns indicios,
Mas viam-se sorrir ás escondidas.

Um pedido

Vou fazer-te um pedido, linda Augusta:
—Não voltes teus olhares mais p'ra mim,—
Pois creio que um pedido feito assim
E' facil de cumprir, pouco te custa.

Dos teu olhos a luz é tão adusta,
Em minha alma produz um tal motim,
Que póde, pelo encanto, vir dar fim
A' minha compleição forte e robusta.

Quando fitas em mim esses teus olhos,
Pões-me em tal sobresalto, e em convulsões,
Como ás aguas do mar duros escolhos.

Já me fizeram dar dez tropeções;
São formosos; mas, são p'ra mim abrolhos,
Que me fazem andar aos trambolhões.

Despedida á minha amada

SATYRA AOS TACÕES ALTOS

Adeus, mulher querida, idolatrada,
O destino de mim quiz afastar-te;
Não mais me será dado ir abraçar-te,
Nem fallar-te d'amor, risonha fada.

Por sobre dois tacões empoleirada,
Veio a tyranna móda collocar-te,
Lá onde só aos pés pósso chegar-te
Subido 'num balão, ou 'numa escada.

Ingrata! dura! e má e presumida!
Tens orgulho em ser alta?! Estulto brio!
Ai! pobre! como vives illudida!

Lá 'nesses pedestaes teu corpo esguio,
Faz lembrar de D. Pedro a estatua erguida
De Lisboa na Praça do Rocio!

Conselho a um amigo que diz deseja casar

SATYRA

Amigo, se casares, tem cautella,
Não te faças baboso ou paparreta;
A mulher aborrece o homem jarreta,
Tanto mais, sendo joven, linda e bella.

Ninguem se creia livre da esparrella,
Isempto de engulir dourada *treta:*
Não julgues que eu que sou algum *tralheta,*
Que só p'ra mal dizer dou á *tramella.*

Não deixes a mulher em plena festa
De solteira pagar novo tributo;
Juizo, meu amigo! Isso não presta.

Casa, pois, dize embora que sou bruto;
Deixa correr; depois: Ai! minha testa!!
Ai! ai! ai! ai! ai! ai! Cá está o fructo.

Arcanos da Justiça

SATYRA

Dois pleiteantes começam em contenda,
Ambos teem *bagalhoça* com fartura;
Cada qual da justiça os seus procura,
E a questão entra logo em dura senda.

Citado o réo (é bom que o mundo aprenda)
Começa a machinar-se alta impostura,
E, quando os dois suppôem pouco dura
Tal causa a resolver, é ainda lenda.

Cincoenta appellações, setenta aggravos
Começam a surgir! coisa precisa;
Emfim, mil rabulices dos diabos.

E, quando a tal pendencia finalisa,
Vêem-se do lôgro os dois feitos escravos,
O réo de todo nu, o outro em camisa! (1)

(1) E quem engorda? O leitor que o diga.

A Portugal

Satyra

—Meu pobre Portugal, que pena eu tenho
Por te ver tão palerma! tão maluco!
Que, velho como a serpe, e tão caduco,
Parece aos males teus 'stares estranho!

Sem cheta d'ouro ou prata, ou mesmo estanho!
Passas a vida alegre como um cuco!
Não te importando chupem todo o suco,
Que ao teu bolso te lancem o gadanho.

Do teu indif'rentismo alvar me espanto!
E mais pasmo por ver-te assim contente,
Quando só deverias verter pranto!

—Eu alegre não sou; vivo descrente;
Embriago-me p'ra o mal não sentir tanto,
Ao vêr sem brio e honra a minha gente.

AS LEIS D'HOJE

SATYRA

Tem sciencias este sec'lo diffundido,
Tem tanta luz ás gentes derramado,
Que qualquer sapateiro é um lettrado,
Sabio legislador ennobrecido!

Todos a legislar teem confundido
As leis de forma tal, de tal estado,
Que um contra-senso mesmo é sustentado
E nos faz duvidar se elle é seguido.

E' um tômo de leis cada cabeça!
Ha doutores aos centos, de montões,
Mas d'elles nenhum ha que as leis conheça.

Ha muitas leis, mas todas d'alçapões!
D'ellas, por mais que alguem fructo appeteça,
Só os da justiça lucram e os ladrões.

PERGUNTA INNOCENTE

SATYRA

Quando este mundo foi por Deus formado,
Não houve uma só Eva, um só Adão;
Houve outro par de nobre condição,
Ou é mentira o que nos hão prégado.

Adão, foi um pelintra, um desgraçado,
Sem calças, sem sapatos, sem brazão,
Sempre nú, quer d'inverno, quer de v'rão,
Sempre á humildade andava condemnado.

Se estes miseros esposos eram pobres,
Se d'elles nenhum tinha senhoria,
Nem mesmo da fortuna uns magros cobres,

Pergunto—mas leal, sem ironia:
«Se não houve outro par, digam os nobres
«De que raça descende a fidalguia?»

À MORTE

GALHOFA

Se junto do meu leito sorrateira
Te vir chegar um dia co'o gadanho,
Dir-te-hei: «Póde ir-se embora que eu cá tenho
Quem de mim trate, escuso d'enfermeira.»

Mas, se tu, sem receio, por arteira,
Avançares p'ra mim com arreganho,
Eu, co'um cacete bom, de bom tamanho,
Darei cabo de ti, besbelhoteira.

Atreve-te, vem cá, verás se minto;
Verás em mim um barbaro sicario,
Que eu, zangado, p'ra tosas bem me pinto.

Vem, e verás quem é Souza Macario;
Ah! matrona infernal! ah! se te sinto,
Das trombas te dou cabo e do fadario.

O QUE FAZEM CABEÇAS CHOCHAS

SATYRA

Foi outr'ora Lamego tão sadio,
Tão puro era o seu ar, que toda a gente
No outomno, ou primavera, ou estio ardente,
Vivia sem ter medo a um ar doentio;

Porém, os homens d'alto poderio
Mandaram pôr-lhe perto, e bem patente,
Um cemiterio ao sul e ao norte, em frente,
Um hospital! Que cerco tão sombrio!

Inda a asneira não dava alto desdouro;
Mas, os mestres da hygiene e medicinas,
Deixaram-a fechar a chave *d'ouro!*

P'ra Lamego ser fóco de malinas,
Pozeram-lhe ao poente um matadouro;
Falta por-lhe ao nascente dez latrinas.

UM LOGRO INFELIZ!

GALHOFA

N'uma noite de v'rão muito estrellada,
Mas em que não brilhava a casta lua,
De Lamego eu fui a certa rua,
P'ra fallar p'ra a janella á minha amada.

Tossi, dispondo a voz assucarada,
Vi que um vulto á janella não recua,
Tremendo, disse: «E' ella! é da cor sua!
E abri: Cá estou, meu anjo, minha fada».

Ella, *moita! nem pio!* eu disse: «*mau!*»
«Em fallar-me, não ata nem desata!
Terá medo que o pae lhe dê co'um pau?»

Tornei: «Tu não me fallas, minha ingrata?»
E qual foi o meu pasmo ao ouvir—*rinhau*. . .
Não era a minha bella, era uma gata!

Um pedido justo

GALHOFA

Os que lerem meus versos n'outra edade,
Quando a *arrancar batatas* já eu 'steja,
Visto que já a ninguem produzo inveja,
Não digam d'elles mal por caridade.

D'elles bem não cuidei—valha a verdade—
Nem bem os baptisei em boa egreja,
(1) Se algum gritava:—Olhe que me aleija!
Ouvidos não lhe dava por vaidade.

Sejam bondosos, pois, os meus leitores,
Mesmo os que a dizer mal vivem affeitos,
Que primam serem bons entendedores.

Se ao metro os não encontram bem subjeitos,
Esperem, que, mais cheios de primores,
Do céo lh'os mandarei muito perfeitos.

(1) E este bem aleijado ficou, porque eu lhes quiz fazer essa pirraça.

QUE VERGONHA!

SATYRA SERENA

Um dia uma senhora atravessava
Por um pôsto fiscal do contrabando,
Um guarda, ao vêl-a, foi desconfiando
Por notar que ella os guardas evitava;

D'ella se approximou porque encontrava
Um meio arteiro e bom de a ir sondando.
Fingindo tropeçar, foi esbarrando
Com ella, e apoz as mangas lhe apalpava.

Lançou-lhe o guarda a mão, e, já filada
Disse: «Que vem a ser esta *pandanga*
Que a faz andar assim tão *entufada?*»

«Deixe apalpar! é meu dever, que zanga!»
Ella, ficou suspensa! atrapalhada!
Pois levava um presunto em cada manga.

ARREDA DAS MULHERES!

SATYRA

Eu tive uns sete cães na minha vida, (1)
Sempre amigos leaes, bons companheiros,
Sempre humildes e meigos e fagueiros,
Em guardar-me soffrendo a insana lida.

D'elles nunca a amizade desmentida
Se conheceu por actos verdadeiros;
Para estranhos, leões, p'ra mim, cordeiros,
A amisade era n'elles bem sentida.

Tive tambem, por minha leviandade,
Umas setenta e sete namoradas
P'ra quem sincero fui, todo bondade:

Todas foram p'ra mim almas damnadas!
Dos cães, tive mil provas d'amizade,
Das mulheres levei dez mil dentadas!!

(1) Cães de carne e osso, porque dos outros, tenho supportado mais de mil, por mal dos meus peccados.

ÓDIO A' MORTE

Carrancudo estafermo! alma damnada!
Que o inferno te consuma, focinhuda,
Trombas de velha furia guedelhuda,
Belfurinheira asc'rosa, e vil malvada!

Oh! se eu podesse vêr-te espernegada
Morta a machado ou faca bem aguda,
Tres dias a saltar, negra repuda,
D'alegre endoidecia á gargalhada.

Tu és, phantasma vil, tão embirrenta,
E' tal a maldição que tens comtigo,
Que mesmo o *demo* ao vêr-te, fugir tenta!

Habitas cá na terra p'ra castigo,
Por ter Adão peccado; és tão nojenta,
Que nem o proprio inferno te dá abrigo!

ADEUS PARA SEMPRE

GALHOFA

Adeus, formosa Erato d'outras éras,
'Stás velha, manda á fava o teu reinado;
O caco me trouxeste transtornado
Com dez mil illusões, seis mil chimeras!

Tiveste imperio em mim, já não imperas,
Que eu 'stou das illusões desenganado;
Cheguei a estar—confesso—amalucado
Por não saber a fundo quem tu eras!

Dizias-te immortal! que do Parnaso
Me davas o condão de ser poeta,
Em pouco tempo, mas por longo praso;

Acreditei em ti, foste a dilecta
Da minha alma, porém, nem por acaso,
De mim fazer podeste um bom pateta.

Ao ouro, meu encanto

GALHOFA

Magestoso metal sempre adorado,
Luzente como o sol, loiro e sonante,
Eu sempre fui por ti estrenuo amante
D'esses amantes, d'alma dedicado.

Dize: Porque me deixas, e has deixado
O nosso Portugal—que foi brilhante,
E que, sem ti agora, é um mendicante
Só por papeis pintados governado?

Volta ao menos a mim, que teu amigo
Eu sou por natureza e sympathia,
Que só os teus encantos prezo e sigo.

Por ti desprezo honras de valia,
Volve a mim e verás, que bem comtigo,
Mando á fava a excellencia e a senhoria.

Ao anno de 1896 [1]

DENTADA

Vae com Deus, meu casmurro que me deste
Magoas bem dolorosas, meu brejeiro,
Correste contra mim, qual cão rafeiro,
Sempre a rosnar e algum mal me fizeste.

Se valer-me não fôsse o Deus celeste,
Tinhas-me dado cabo do *cangueiro;*
E, em cama feita á enxada d'um coveiro,
Dormindo estava á sombra d'um cypreste.

Safa de ti! maligno e máu fajardo!
Que em papos me fizeste andar d'aranhas,
Aspero foste p'ra mim qual duro cardo.

Vae, entra do passado nas entranhas,
Que não deixas saudades, meu *javardo;*
Vae-te com Deus, e nunca mais cá venhas.

(1) Anno em que estive perto de esticar o canêlo.

QUERO SER DEPUTADO

Á' URNA!

Eleitores, á urna! Corram todos!
Votae em mim, fazei-me deputado!
Que eu sou um palrador de papo inchado;
E incapaz d'illudir-vos com engôdos!

N'um caracter que é puro, não ha lodos:
E eu prézo-me de ser homem honrado,
Por ser á nossa terra dedicado,
Melhoras lhe darei a êsmo, a rôdos.

Nenhum patricio meu terá lazeira;
Sempre na bolsa encontrarão reaes,
Passarão vida alegre e galhofeira.

Não creiam isto em mim dictos banaes;
Todos hão-de ficar com eira e beira
Com sol na eira e chuva nos nabaes.

O seculo 19 ao seculo 20

SATYRA

Sê bem vindo, collega, já te vejo
Avançar para mim, sec'lo futuro,
Mas. . . vens mal encarado! rosto escuro!
Como quem d'avançar tem mêdo ou pejo!

Não venhas qual sedento persevejo
Encher de sangue o teu bandulho impuro:
Avança mas com passo bem seguro,
Não percas de ser bom o bom desejo.

Eu, não fui bom nem mau, fui desleixado,
Creei muitos ladrões, muitos devassos;
Por isso, fui=*das luzes*=alcunhado.

Tu, entra, mas com teus robustos braços,
End'reita o mundo que tornei voltado,
Não te regules cá pelos meus passos.

VERDADE

SATYRA

Por Deus é o trabalho abençoado,
Os lucros d'um trabalho diligente
Augmentam sempre, e dão a toda a gente
Um futuro risonho e bem fadado;

Não luz nunca o dinheiro que é sugado
Ninguem com elle avança muito á frente,
Embora dê riqueza, de repente,
Foge de quem o tem, por ser chorado.

Um bello exemplo eu tenho em meu abono
Com que póssa fundar meu commentario,
E nenhum, nem só um, em desabono.

P'ra affirmar que não ha nada em contrario,
E que o dinheiro chora por seu dono,
Nunca dá paz nem gozo a um usurario.

Salvé!

GALHOFA

Milagrosa Officina Garantida!
E's de vantagem tal á humanidade,
Que convertes ao bem toda a maldade
A qualquer alma em vicios immergida!

Teus relogios, encantam e dão vida,
Milagres 'stão fazendo, raridade!!
Dão vista a cegos! dão a faculdade
Dos tristes terem vida divertida!

Eu te saudo, pois, fonte de gozos!
Manancial de lucros sem segundo!
Origem de successos venturosos!

E's aurifero thesouro tão fecundo
Que pódem os teus lucros espantosos
Cobrir d'ouro as nações de todo o mundo.

O MEU RETRATO

(A RIR)

Eu tenho os hombros largos e elegantes,
Pernas d'reitas, nariz bem acabado,
Rosto liso, sem rugas e rosado,
Olhos bem pestanudos e brilhantes;

Os dentes, inda fortes e tascantes,
O bigode, torcido e bem frisado,
O cabello, que foi muito dourado,
Não 'stá muito mais feio do que d'antes.

A bocca breve, os labios nacarados,
Todo um *pãosinho*, no fallar mavioso
Com bons tregeitos, ditos estudados.

Assim, cheio de graça, assim garbôso,
Posto ter sessenta annos=bem contados,
Quem dirá que não sou homem formoso?

DEPOIS DE MORTO...

GALHOFA

Ninguem em vida é grande, é manha antiga!
Depois da morte sim, mesmo um *sebento*,
Era bom! era justo! era um talento!
D'um morto, ninguem ha que assim não diga.

Que *canudo*, meu Deus! que grande espiga
Tal uso me vem dar! e que tormento!...
Ser eu em vida um asno, e ser portento
Quando nem nariz tenha, nem barriga!

Dão-se c'roas aos mortos, por ser uso,
Necrologios e nênias, e até lôas,
Porém eu, com franqueza, d'isso escuso.

Se brindar-me assim querem almas boas,
Este pedido eu faço, e sem abuso:
«Antes me deem em vida meias c'roas».

O QUE ME CONSTA

SATYRA

Consta que a muita gente causa enfado
Lêr nos sonetos meus palavras duras,
Não sei porquê, não cito as creaturas,
Só fustigo costumes por meu fado.

Isto não é ser máu ou ser malvado,
Ao contrario, só mostro intenções puras,
E' p'ra curar apenas mataduras,
Sem que a besta appareça no mercado.

O justo, ri-se e gosta das farpadas;
O leproso, estremece, ao vêr farpões:
Quem não deve, não teme as ferroadas.

É feio em verso ouvir dizer: ladrões!
Eu bem sei, mas sómente almas damnadas
Dirão: *Isto é commigo!* aos seus botões.

EU NÃO SOU MAU

SATYRA MANSA

Quem me julgar um barbaro inimigo
Da louca humanidade por mordaz,
É, decerto injustiça que me faz;
Quem remedios ministra é ser amigo.

Se nos vicios eu dou, êrros fustigo,
Sem bater nas pessoas por detraz,
Sem a furia d'um bruto Ferrabraz,
É p'ra evitar do mal um maior p'rigo.

Afastar quem é cego d'um abysmo,
Ao viajante ensinar o itinerario,
É seguir bem as leis do Christianismo,

Da vida é Cyreneu n'este Calvario,
Quem a enfermos applica o sinapismo,
Deve ser consid'rado humanitario.

HA TANTOS!

SATYRA

Perdoae-me, Senhor se vos offendo,
Se o que passo a dizer é impiedade,
Mas, pelo que vou vendo, a humanidade
Toda a virtude e honra vai perdendo.

Comtanto que o *negocio* vá rendendo,
A poucos já importa a probidade;
Campeiam os ladrões em liberdade,
E cada vez a malta vai crescendo,

Bem precisaes, ó Deus, que déste a Morte
A' raça de Caim com mão potente,
A esta raça dar fim da mesma sorte.

Um diluvio mandai, mas d'agua quente
E uma barca tambem, que os bons comporte,
Pequena... que ha a metter-lhe pouca gente.

UM SONHO

SATYRA

Uma noite sonhei que fui mandado
Apresentar no ceu ao pé de Deus,
E foi p'ra me dizer:=Os versos teus
São versos d'um poeta consummado. (1)

Vejo que tu tens sido dedicado
Em luctar contra os vicios de sandeus,
Que os larapios calcinas e os atheus,
Que de tanto luctar já estás cançado.

Vaes ser novo Noé, volta p'ra o mundo,
Constroe barca p'ra ti, p'ra a tua gente,
Que um diluvio a não vá metter ao fundo.

Vou mandar um diluviu d'agua quente,
Que innunde a terra do teu mundo immundo,
Quero crear um mundo mais decente.

(1) A este elogio, respondi; muito obrigado, e, disse: pois contra a Vossa Sapientissima Opinião são alguns patetas lá do meu mundo.

O MEU RETRATO

(A SERIO)

GALHOFA

Cabello todo branco, e já *careca*,
Os hombros encolhidos, descarnados,
Olhos vêsgos, um tanto remelados,
Nas costas um comêço de *marreca*.

Nariz de cavalete de rebeca,
Dentes, sómente dois, e amarellados,
De rapé os bigodes empastados,
E magro como um galgo, uma *pileca*.

As pernas, sem auxilio d'um cajado
D'aguentarem o corpo tem receio,
A custo vou andando equilibrado.

Sem lunetas, tambem, já nada leio;
E já com sessenta annos no costado,
Mas, no entanto, não sou de todo feio.

Ao meu talentoso e illustrado censor José Agostinho d'Oliveira

DENTADA

Ao pé do teu talento, o meu talento,
E' como um pygmeu junto a um gigante;
E' teu genio de luz ástro brilhante,
E o meu *caco* é um fól cheio de vento.

Tu, pintas-me um poeta de espavento,
Pois tanto, ninguem disse a Tasso ou Dante;
Dár-se-ha o caso que tu=grande tratante=
Me queiras fazer troça a teu contento?!

Se quanto de mim dizes é sentido,
Cortejo-te com funda barretada;
E, crê, te fico muito agradecido.

Em todo o caso, chupa lá dentada:
Mais do que eu, tens talento, és instrnido,
Mas eu. . . sou mais bonito do que tu. (1)

(1) Ora chupa! E, agora reparo eu: Bravo! Até que consegui fechar um soneto com chave d'ouro e rimado seguindo a forma dos nephlibas! Bravo!

Supplica

SATYRA

Estrella confidente dos meus sonhos,
Dos meus sonhos d'amor e de poeta,
Estrella do meu céo, minha dilecta,
Luz d'encanto dos dias meus risonhos.

No mundo, ha abysmos negros e medonhos,
Linguas que ferem mais do que uma setta,
Um milhão de intrujões o mundo infecta, (1)
E ha dias frios, torvos e bisonhos.

Eu quero ir para ti, para o Infinito;
Entre intrujões no mundo eu desespero,
Porque esbarram commigo e eu ando afflicto!...

Que me leves p'ra ti, eu rogo e espero;
Quero ir p'ra o teu mundo, que é bonito,
Mas, se lá ha ladrões... então não quero.

(1) Só com o auctor d'este soneto já vieram esbarrar sete; porisso acredita que o mundo está civado d'estes moscardos.

VERDADES AMARGAS

SATYRA

Musicas e foguetes, muitas danças,
Costas d'reitas, empregos e folias,
Arraiaes, fôfas, bailes, romarias,
Muito vinho a correr p'ra as gordas panças.

Bazofias, imposturas, muitas chanças,
Calotes, trinta mil patifarias,
Grande especulação d'altas harpias,
Aspirações ás mil de mil *pitanças*.

Os governos, *arranjos*, mais *arranjos!*
E afilhados, parentes aos cardumes
Tudo a comer, tudo a fazer esbanjos!

Vaidade, inveja, intrigas e ciumes,
Dispendios sem proveito, desarranjos!
Dos portuguezes d'hoje, eis os costumes!!

MALDITA POLITICA

SATYRA

A's vezes, francamente causa riso,
Vêr propor-se a ministro um desleixado,
Que tudo o que era seu tem esbanjado,
Que p'ra se governar não tem juizo.

Não será seu viver um bom aviso
Para que tal regente desregrado
Seja logo por todos regeitado
P'ra evitar á nação um prejuizo?

Bem decerto que sim; mas, francamente,
Como ninguem da Patria hoje se importa,
Deixam o desregrado ser regente!

Politica infernal que tudo entorta!
Todos querem comer infrenemente,
Porisso, geme a Patria quasi morta!

PROGNOSTICO

SATYRA

Deus tem pensado ha muito, attentamente,
Em limpar este mundo de intrujões (1)
Mas, por mais que consulta os seus botões,
Não acha rumo a dar a tanta gente.

Como Deus tudo sabe facilmente,
E o mundo da tal raça tem milhões,
E o inferno tem pequenas dimensões,
Vê-se Deus n'um dilemma impertinente.

Mas, creio que já sabe o S'ragoçano,
Que Deus já resolveu o seu intento,
Que já firmou assim seu desengano.

Transforma em grande inferno o firmamento,
Entrega os intrujões ao deus Vulcano,
E fica d'esta raça o mundo isento. (2)

(1) Só o auctor foi assaltado já por quatro.
(2) Mas quasi que fica deserto.

Ai! que bom tempo!

GALHOFA

Calem-se lá os seculos passados,
Que nenhum que existiu n'este mundo
Como o presente, foi assim fecundo
De mulheres de rostos delicados.

Homens, com algum geito, *acatitados*,
A não ser eu, por branco e rubicundo,
E, em belleza e elegancia sem segundo, (1)
Não tem havido muitos afamados.

Em mulheres tem sido elle um portento!
Muitas, parecem mesmo anjos dos ceus,
Que prendem, que fascinam de momento.

Só eu p'ra contemplar os mimos seus,
D'ellas, faço namoro a mais d'um cento,
E todas. . . ai Jesus!. . . valha-me Deus!. . .

(1) **Modestia á parte.**

É moda a intrugice

SATYRA

Em que miseria o mundo se rasteja!
É moda tudo quanto é intrugice!
Móda o calote, móda a fajardice,
E móda a soberbia e móda a inveja!

Por móda, a bebedeira já não péja!
O roubo entra tambem na modernice
E doura-se a impostura com meiguice;
Por móda outro viver ninguem almeja.

A mentira, por móda, entra na róda!
Por ser móda a vaidade está reinando
Nem por móda a traição já incommoda.

Só eu, os bons costumes respeitando,
Porque nunca gostei d'andar á móda,
Irei estas miserias fustigando.

A um amador de canto

SATYRA

Tens uma voz v'lumosa como um burro!
Notas fundamentaes, como trovões!
Que mais parecem tiros de canhões
Do que do corpo teu valente zurro!

Lembra-me a tua voz d'um boi um urro
Quando a fundo lhe espetam os farpões,
E ferido se estorce em contracções,
As farpas sacudindo pelo curro.

Isto, é mui lisongeiro para ti,
P'ra teu pai, tua mãe, tua avó,
Que vocação maior, eu nunca vi.

Pois, com tres mil lições apenas só.
Já sobes: Dó-ré-mi-fá-sól-lá-si!
E desces: Si-la-sol-fa-mi-re-dó!!

UM COMPADRE DO DIABO

Satyra

Satanaz, conhecendo bem a fundo
Certo negociante de má raça,
Judeu de consciencia muito escassa,
Homem, de *venha a nós,* safado, immundo.

Com mira de o levar para o seu mundo,
Empregando com elle mimo e graça,
Com tal geito o engodou, com tal trapaça,
Que d'elle captou amor profundo.

Compadres se fizeram, e o tentado
Que já não respeitava as leis do Eterno,
Entregue a Satanaz, fez-se um malvado.

Satanaz, dá-lhe em vida amor paterno,
Mas vae breve matal-o, e o excommungado
Vae d'reito co'o compadre p'ra o inferno. (1)

(1) Ainda bem, que fica o Mundo livre de um sanguesuga.

Este mundo é muito bom

GALHOFA

O céo, por muito bello que elle seja,
Não o julgo melhor do que este mundo,
Nem tão amplo e ameno e tão jocundo,
Não deve o mundo ao céo ter grande inveja.

Por lá, qualquer *bébè* grita e braveja,
Produzindo ao gritar um sôm profundo,
Cada qual, bochechudo e rubicundo,
Faz da bochecha um fol quando solfeja.

Por muito velhos já, todos os santos,
Qual d'elles mais rabuje impertinente,
Devem fazer por tudo mil espantos.

Por isso, eu rógo ao Deus Omnipotente
Que, embora seja o céo cheio d'encantos,
Me deixe cá no mundo eternamente.

QUERO CASAR COM UMA VELHA

GALHOFA PICANTE

Eu vou idealisar a minha amada
Coisa com geito, em genio galhofeiro;
Uma gorducha boa, com dinheiro,
Uma velhota, emfim, mas bem azada.

Quero viver com ella á regalada,
Sem que possa o Cupido, esse brejeiro,
Vir lá com suas settas mui arteiro,
A cabeça tentar pôr-me enfeitada.

Quero uma velha, pois tambem 'stou velho,
Tenho durante a vida ido aprendendo
Naquelles que têm ido por máu quelho.

Ha mil espelhos onde me estou vendo;
Nada! que o tal Cupido, é um escravelho!
Raparigas não quero... eu cá me entendo.

AGORA A SERIO

GALHOFA

EM CONTRADIÇÃO AO EXPOSTO NO SONETO ANTERIOR

Vou a serio escolher a minha amada
Coiza X. P. T. O. toda catita,
Coradinha, garbosa, alta e bonita,
Toda gentil, nervosa e endiabrada;

Destas que para andar muito enfeitada,
Mostrando tortas ventas me repita:
«Eu não quero trajar fatos de chita,
Quero sêdas p'ra andar muito asseiada.»

Quero me bata o pé, e que me diga
Com toda a entonação, com todo o imperio:
=Não seja fôna, velho d'uma figa!=

Embora eu mostre emfim não ter criterio
E me digam que é asneira e grossa espiga,
Eu quero-a assim tal qual, e agora é a serio.

O QUE SÃO OS PARTIDARIOS

SATYRA

Tanto esta febre ardente dos partidos
E' por causa do estomago e a barriga,
Que, trazendo os *febris* em crua briga
Sãos ficam logo quando estão servidos.

A' meza do orçamento bem comidos,
Bem dizem do luctar toda a fadiga,
E, se a Patria prospera ou ella p'riga,
Com isso não occupam os sentidos.

Deixam uns o governo por nefandos,
Entram outros, e fazem mais destroços,
Mais asneiras, mais êrros, mais desmandos;

Lembram-me assim os governantes nossos
Tres matilhas de cães comendo aos bandos,
A' Patria, burra morta, a carne e os óssos.

DECLARAÇAO

Nunca offendi ninguem sem que primeiro
Me fizessem alguma *picardia*,
Muito pelo contrario, cada dia
Busco ser para todos lisongeiro.

Mas, como a dar nos vicios sou arteiro,
Por vêr a asneira sempre na porfia,
Posto que dou a rir com alegria,
Ha quem mordaz me chame e até brejeiro!

Grande injustiça é, pois, que o mundo ignaro
Me faz! Eu, se no mal vou atiçando,
Ao bem procuro dar melhor reparo.

Só em quem mal me faz eu vou tozando
Pondo-lhe a calva á mostra com descáro,
E o bem, e quem é bom vou respeitando.

Aos meus amigos redactores do periodico "A Semana,,

GALHOFA

Eu quizera escrever coisa com geito
Com que fôra adornar vosso jornal,
Mas, que demonio! sahe-me tudo mal!
Tudo enxabido! torto! e sem conceito!

Dou murros na cabeça! e espremo o peito,
Busco, rebusco emfim um ideal,
Rabisco em mil papeis, tudo banal!
Tudo sem tôm nem sôm! tudo imperfeito!

Já invoquei Erato, essa vaidosa,
Que d'antes tanto amor me dedicava,
Nem ella me dá *treta!!* Oh! vil tinhosa!!

De forma que sem éstro, e a penna escrava,
Continuando Erato, a ser teimosa,
Digo ao jornal e á Musa: «Vão á fava».

A MINHA FIRMEZA COMO POLITICO

GALHOFA

Sou regenerador d'um só costado,
Politico, sagaz e até matreiro,
E, tenho gasto já muito dinheiro
Na lucta p'ra fazer-me deputado.

Fiquei co'os progressistas escamado,
Por que, sendo eu finorio e cavalheiro,
Não me deram logar de jardineiro,
Nem para lampianista fui lembrado!

Ser cabo de policia, eu tive esp'rança
Ao vêr os progressistas dar as leis,
E, francamente, esp'rava esta pitança.

Ah! gente ingrata! e... ainda mais, crueis!
Mas, se os meus me não dão uma *papança*
Mudo p'ra os progressistas por dez-reis.

Sempre é bom ter amigos

GALHOFA

Sempre é bom um individuo ter amigos
E poder nos jornaes manter paróla,
Embora haja trabalho de cachóla,
Embora se cultivem inimigos.

Sem grande custo emfim, sem grandes p'rigos,
Politicão que bóla e se rebóla,
Que saiba apresentar-se de farçola,
Sempre alcança lhe deem quatro figos.

Politico me fiz, sendo um patego,
Um politico apenas de chinello,
E sirvo os dois partidos com folego.

Um emprego apanhei! emprego bello!
Emprego *mancipal*, que grande emprego!!
E' o logar de sineiro do Castello. (1)

(1) E' o emprego camarario em ponto mais elevado. Olé! É o meu emprego.

ESCAMAÇÃO

GALHOFA

Eu racho, eu escangalho, os progressistas
Se na SEMANA (1) dão mais cacholeta,
Dou-lhes tóza, podera, ali, á preta,
Caramba ! Mas que maus antagonistas ! !

Que pimpões ! sempre á brecha ! que dentistas !
Cada qual mais feróz com mais veneta,
Que só a fôgo, a tiro, ou a bayoneta
Se poderão metter a novas pistas.

Torna-se um ultimatum bem preciso,
E eu vou mandar-lho já, podera, olé,
Quero sómente solpha a causar riso.

Vou passal-os a tratos de polé,
E posto, que com elles sympathiso,
Degrado-os para Cuba, ou p'ra Guiné.

(1) *Semana* é um periodico regenerador.

VINGANÇA ETERNA

GALHOFA ESCAMADA!

Ferra o *Progresso* os dentes na *Semana*,
Ferra a *Semana* os dentes no *Progresso* (1)
E, por muito que faço, e que lhes peço,
Nenhum de que faz mal se desengana!

Obrigam-me a exercer acção tyranna
P'ra da lucta evitar maior accesso,
Portanto, sem appêllo, ou mais processo,
Vou a fôgo tornal-os em *pantana*.

Mando no Coura entrar dois couraçados,
E ás casas do Menezes, do Soares
Farei que dez canhões fiquem voltados;

E, fogo vivo!! e typos e alguidares,
Redactores, typographos, telhados,
Catrapuz! Ha-de ir tudo pelos ares!. . .

(1) Posto que não são cães, nem teem officio de ferradores, são joruaes antagonistas, que se mordem.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

SATYRA

P—Porque será que os homens de talento
São humildes e livres de vaidade,
Par'cendo até em tal modestidade
Que não teem nenhum merecimento?

Ao passo que outros, menos que um jumento,
Com toda a presumpção em liberdade,
Embora só mostrando leviandade
Sandices aos milhões soltam ao vento? (1)

R—E' porque o talentoso, em cada hora,
Luctando com fervor em fundo estudo,
Não se illude, e avalia o quanto ignora;

Receia errar, não tem seguro escudo,
Vê o amplissimo campo em que labora;
E o nescio, nada vê, julga vêr tudo.

(1) È o que succede ao auctor d'este livro.

SONETO ANNUNCIO

PIADA

Senti ha dias certa impertinencia,
Um certo mau estar, uma inferneira,
Mandei chamar a casa uma parteira
P'ra sondar qual da causa a sua essencia.

Veio a mulher, sondou com paciencia,
E, mostrando ser pratica e certeira,
Disse: Temos um parto!! e, brincadeira
Eu julguei da mulher tal inclemencia.

Um parto!! e, perguntei: Algum Messias?!
E, rindo accrescentei ditos facêtos,
E a mulher respondeu:=Não! são poesias.

E tornei:—Veja bem se são espetos
Qual historia! O Senhor em breves dias
Vai dar á luz um livro de sonetos.

Remoque entre o nariz e os olhos

GALHOFA

—Olhos semsaborões, porque meu fado
Fazeis de mim vidraça d'oculista?
Que culpa terei eu vos falte a vista
Para andar co'as *cangalhas* ajoujado?

Terei culpa que um seja remelado?
Outro por vesgo que transvie a pista,
Para que, cada qual, mais commodista
Taes trambolhos assente em meu costado?

—Nariz, não tens razão nas tuas *tretas;*
Se dos olhos faltasse a luz sagrada,
Não te servia o olfato de muletas.

Ouvir os teus remoques nos enfada;
Se a invenção não houvesse das lunetas
Já nem eras nariz, nem eras nada. (1)

(1) E, a estas razões o nariz metteu a viola no sacco.

AGORA SIM

GALHOFA

Que me importa o viver da tenra infancia,
Se muito mais feliz me julgo agora;
A tapona e oppressões, a toda a hora
Era o que mais eu tinha, e d'abundancia.

Se da morte vivia a mais distancia,
Dinheiro. . . 'stava livre de penhora,
Nem dez reis, nem real, e a cada hora
Levava cachações dados com ancia.

Agora sim, agora ha liberdade,
Não tenho quem me ralhe; e, de poleiro,
Já canto com acção d'auctoridade.

Tenho a bolsa mais quente, ha já dinheiro.
Que me importa a passada mocidade;
O homem quanto mais velho, mais gaiteiro.

E não sou gulotão

GALHOFA

Quando sou convidado á *trincadeira*
P'ra casa d'um amigo, bem se entenda,
P'ra economia, e não gastar na tenda,
Passo em casa oito dias com lazeira.

Do amigo á mesa, sim, tomo cadeira,
Quer seja p'ra jantar, ou p'ra merenda,
E para que a *papança* ali me renda,
A *dentuça* disponho bem arteira.

Alargo as calças, e a barriga amiga
Ponho bem á vontade p'ra estar lesta,
E cômo, como um bruto e sem fadiga.

Lambuso a cara toda até á testa,
E digo com prazer para a barriga:
«Alegra-te, barriga! e viva a festa!» (1)

(1) No verso 11, juntam-se o verbo "cômo„ com o adverbio "como„; não julguem que tudo é comer eu não sou nenhum comilão.

UM LOGRO!

GALHOFA

Uma noite, eu, á laia de rondante,
Andava pelas ruas patrulhando,
E vae, em certo sitio, se não quando,
Ouvi que alguem chamava d'um mirante.

Era voz feminina, voz d'amante,
Doce como ananaz, em tom mui brando;
E eu cá, podéra não, logo parando,
Nem um passo tentei seguir ávante.

—E's tu, meu Augustinho? ella dizia,
E eu, já de macacão, disse:—Sou eu,
Eu que te prezo como a luz do dia.

Ella, affirmou-se, e mal me conheceu,
Retirou-se a dizer:—Patifaria!
—Olha o diabo do velho! do sandeu! (1)

(1) E. . . ficamos a chupar no dedo.

Mentir para dizer uma verdade

GALHOFA APIMENTADA

O meu setimo avô nasceu já nobre;
Fidalgo foi o sexto, e de valia,
O quinto, foi de grande fidalguia,
Mas, em vista dos outros, foi mais pobre.

Fidalgo erà o terceiro, e, até de cobre
Tinha um caldeiro velho em que se lia:
«Este fidalgo d'alta senhoria,
«E' o primeiro de quantos o sol cobre.»

Foram todos os meus afidalgados,
Nenhum, portanto, pôde ser formado,
Por que os fidalgos são apatetados.

Meu pai, teve inda fóros de morgado,
Fidalgo foi tambem dos dois costados,
Por isso, é que eu sahi amalucado.

SONHO EPHEMERO

GALHOFA

Uma noite sonhei, que bello sonho!!
Nem mais torno a sonhar um sonho assim:
Era já noite, e ao entrar no meu jardim...
'Té de contar o sonho me envergonho.

Alva nympha com faces de medronho
Me cingiu em seus braços de marfim
E, com meiga expressão d'um serafim
(Nem sei se conte um sonho tão risonho.)

Beijava-me, e eu beijava-a delirante
(Mas, creiam, não beijava por brejeiro)
Era do coração, qual terno amante.

Mas, quando n'este gôso tão fagueiro
Eu 'stava, estremeci, e, n'um instante,
Acordei abraçado ao travesseiro. (1)

(1) E. . . já se vê, fiquei a ver navios no alto de Santa Catharina.

UMA EXPERIENCIA

SATYRA GALHOFEIRA

Para experimentar da medicina
Se dos seus sabichões ha algum certeiro,
Metti. . . (não digo aonde) um alho inteiro
P'ra fingir 'star prostrado com malina.

Seguindo a praxe que um tal caso ensina,
Chamei dez sabichões, e um só barbeiro,
E, espernegado entre elles, qual sendeiro,
Fingi 'star morto esp'rando a acção canina.

Que sabichões, meu Deus. . . ! Que fanfarradas!
Fallaram em mil causas! E, um mais rude,
Decidia-se a dar-me lancetadas!. . .

Com medo da lanceta então não pude
Deixar de levantar-me, e, ás gargalhadas
Mostrei-lhes que o meu mal era saude. (1)

(1) E, depois, mostrei-lhes o alho, é claro.

UM "LORPA,,

QUE DO MANDO DO PAE VAI CONVIDAR UM DOUTOR PARA TRATAR-LHE D'UMA QUESTÃO

Senhor doutor, com sua licença, o burro,
O burro, do meu pae—conhece-o bem,
Hontem soltou-se, e foi por ahi além,
E... zaz! um malfeitor pregou-lhe um murro.

O animal foi a terra, e deu um urro;
E, agora, amalucado, mal se tem,
E, assim não tem valor, nem d'um vintem
E é perda para nós que cheira a esturro.

A queixa á auctoridade já está prompta
Contra quem praticou tão vil acção,
Da cabeça ao animal pôr assim tonta.

Meu pae, quer que lhe trate da questão,
E, custe o que custar, faça de conta,
Que o nosso jumentinho é seu irmão.

RESPOSTA QUE O DOUTOR DEU AO LABROSTA

Pois diga lá a seu pae que de jumentos
Não sei tratar questões; e que a questão,
Nenhum lucro lhe dá, nem ha razão
De se expôr da justiça aos quatro ventos.

De burros, eu não quero ter proventos,
E, o burro do seu pai, póde no v'rão
Chegar a melhorar, ou ficar são,
E ficam de gastar assim isentos.

E que importa no burro déssem murros?
E que por tal lhes morra o jumentinho,
Se na familia têm inda mais burros?

Você, p'ra o logar d'elle, é ageitadinho,
A fallar, pouco falta p'ra dar urros,
Que importa não ter patas nem focinho? (1)

(1) Muito obrigado, senhor doutor. Lá vou dar o recado ao meu pae.

Um qui-pró-quó!

GALHOFA

Ante-hontem succedeu-me na Avenida
Sem por mim ser esp'rado, um qui-pró-quó!!
Já quasi noite, eu vinha a fallar só
Co'a mente n'um soneto absorvida;

Uma joven, catita e bem par'cida,
Ao ouvir-me resmungar: có, có, có, có,
Deitou-me falla, e disse:—Ha rima em ó!
Temos soneto em musa divertida!

—Não temos, não, formosa creatura;
Respondi com amor, e não facêto:
A minha musa é a sua formosura.

E. . . Téu, tèu, téu, téu, téu. . . N'este dueto,
D'um p'ra o outro, já cheio de ternura,
Lá se foi p'ra os diabos o soneto. (1)

(1) Quem me déra, por motivos assim, ter mandado para os diabos quantos sonetos tenho engendrado.

O patriotismo de hoje

SATYRA

Imagine o leitor que n'um montado
Vê morto um burro e cães a devoral-o,
E outros cães, mas de largo, a namoral-o,
Cada qual mais faminto e desesp'rado.

Uns, comem, e, de beiço enlabusado,
Acham no seu manjar bello regalo,
Não q'rendo que outros cães venham proval-o,
Rosnam de inveja e, dente arreganhado.

Eis a imagem da Patria e seus validos:
A Patria, é burro morto, em fundo abysmo
E os homens, são os cães enfurecidos!

Teve pois a barriga outro baptismo!
Chamam-lhe Patria, chamam-lhe Partidos
E até lhe dão o nome Patriotismo !

Nota das prendas que me foram offertadas no dia do meu anniversario natalicio, 28 d'agosto

GALHOFA

O meu amigo X, moita. . . nem nada!
Porem, o amigo Z, mandou-me um rato
Já secco, só co'a pelle, e muito chato,
N'uma caixa tambem muito amolgada!

Mandou-me outro, uma lyra mal talhada,
Feita das solas velhas d'um sapato,
E mandou-me outro, impondo alto apparato,
De lata uma candeia descolada.

Que tal dos maganões a maroteira?!
Prendas sem o valor mesmo d'um *chavo*,
E vieram assim com isto á feira!!

E nem sequer um só me deu um nabo!
Pois, amigos, se foi por hrincadeira,
Vão lá brincar co'avó, ou co'o diabo.

Precaução d'um marido

SATYRA

Casei, e vivo agora n'um pr'aizo!
Minha mnlher, é linda casta e bella,
Mas, minha sogra, vive aqui com ella,
E póde isso trazer-me prejuizo.

Sei o que as sogras são, e um bom aviso
Me dá, para que eu deva ter cautella,
Para não vir a ter uma tutella,
Preciso equilibrar-me com juizo.

Por emquanto, vae bem, tudo caricias,
Eu sou da mãe e filha um sêr dilecto,
A mãe sabe conter suas malicias.

Adão, Eva e Serpente, bom aspecto,
Encerra este p'raizo de delicias;
'Té a Serpente cá está, p'ra estar completo.

Justa proposta

GALHOFA

Participo aos amigos que tratado
Tenho, p'ra muito breve, o casamento,
E é co'uma linda joven de espavento,
E, d'excellente porte aprimorado.

Podem, pois, tomar já a seu cuidado
O revolverem lá no pensamento,
As prendas que hão-de dar de off'recimento,
A' noiva, p'ra a *toilette* do noivado.

Cada qual vá mandando o seu presente;
Basta brilhantes, córtes de setim,
Dá mais luz a candeia indo na frente;

As prendas vindo já, é bom assim,
Acho ser muito mais conveniente,
Porque, se não casar, ficam p'ra mim.

O mundo está por um fio

SATYRA

Deus extinguiu a antiga humanidade
Por vêr que chafurdava em corrupção;
Tão corrupta ella estava, que o perdão,
Nem já podia ter por caridade.

E, para castigar tanta maldade,
Sem castigar Noé, por santarrão,
Mandou, que se salvasse n'um balão, (1)
E... Zaz... pôz o diluvio em liberdade!!

Pois se Deus nossos vicios hoje somma,
E um remedio não vem, que nos soccorra,
Nem já Christo nos vale, nem Mafoma.

A moral entre nós, 'stá feita em bôrra!
E' meio mundo já uma Sodoma!
E o resto, segue os passos de Gumorra!

(1) Era de balão o formato que tinha a arca de Noé.

ROUBARAM-ME OS OLHOS

MINHA LINDA SOPHIA, ROUBASTE-ME OS OLHOS, MAS DEIXA QUÊ O PUBLICO VAE SABEL-O

Tu rapinaste os meus olhos,
Pois eu, sem ser um ladrão,
Hei-de tomar por vingança
O roubar-te o coração.

Eu tinha uns olhos lindos e maganos,
Que eram fócos d'amor e de ternura,
Mas a Sophia p'ra fazer figura,
Quiz que lh'os emprestasse—ha já dois annos

Emprestei-lh'os; cahi nos seus enganos,
E ella, cheia de brio e d'impostura,
Com elles, é distincta em formosura
Nem confia a Cupido os seus arcanos;

E, ora adeus!—Ella agora é linda e bella,
Que eu seja feio, não lhe dá cuidado!
Vá lá a gente emprestar sem ter cautella!

E, assim, eu ando todo envergonhado,
Trago uns olhos de gato, que eram d'ellá,
E. . . passe muito bem—fiquei roubado.

O retrocesso da humanidade

SATYRA

O nervoso e a anemia, vão tornando
A humanidade toda nephlibata!
Na dança, toda a gente anda abstracta,
As regras e a cadencia desprezando!

A musica tambem vae caminhando
Com a dança fazendo concordata,
Ao ouvido, alem de muito ingrata,
Vae o bom gosto assim afugentando.

A poesia, acabou, foi estripada!
E' o theatro uma escola prevertente
Que nos põe a moral envenenada!

E assim a humanidade lentamente,
Pelos pôdres costumes arrastada,
Caminha para traz, não vae p'ra a frente.

AO MESMO ASSUMPTO

SATYRA

[illegible] Deus! acode á triste humanidade
[illegible] meio do seculo p'ra cá,
[illegible] qual a molestia que lhe dá.
[illegible] vão pondo em cruel enfermidade!

[illegible] quem diga, não sei com que verdade,
[illegible] na cabeça, e coiza má;
[illegible] doidos ás soltas andam já
[illegible] dos hospitaes em liberdade (1)

[illegible], dizem-se poetas d'alta escola;
[illegible], nenhum no bom senso áta ou desáta,
[illegible], este estado de coizas, desconsola,

[illegible], tem de fidalgo a *patarata*,
[illegible], outros vaidades na *cachola*,
[illegible] este mal torna tudo nephlibata.

(1) Naturalmente o auctor é um d'elles, por que endirita o mundo com versos.

A igualdade é palanfrorio

SATYRA

Dizem 'starmos em tempo d'igualdade,
Nas leis, e em tudo mais que é de direito,
Eu nego que tal seja, e a tal respeito
Attesto ser perfeita falsidade.

Se um criminoso é rico, é potestade,
Finge a justiça pôr-lhe a espada ao peito,
Mas só puro aparato, que o respeito
Manda impune ficar toda a maldade.

Compram-se testemunhas e jurados,
Entra o ouro na cauza e, como um vime
Torce, retorce, a lei e advogados.

Todo o credito ao réo se lhe redime,
Vão p'ra o limbo os autos archivados,
E o réo navega em paz, não houve crime.

ILLUSÃO

Nem é galhofa nem satyra!

Se me vissem sentado á escrevaninha
Co'uma c'rapuça preta na *cachola*,
Talqual um padre cura ou mestre escola,
Diriam «Tem d'um sabio toda a linha.»

Enganavam-se pois, a penna minha
Parece bola apenas que rebola,
Corre pelo papel, mas sempre á tola,
Como um rato a fugir sobre a farinha.

P'ra o verso, tenho em fim certas tendencias.
Mas, com franqueza digo, e, sem desdoiro,
Sou poeta sem arte e sem sciencias.

Póde na arena um boi não ser um toiro,
Ninguem se fie nunca em apparencias,
Que nem tudo que luz póde ser oiro.

A natureza contra a medicina

SATYRA

Que vens aqui fazer ó medicina
Junto do leito d'este pobre enfermo?
Pretendes dar-lhe fim meu estafermo
Com xaropes dos teus que dão malina?!

A tua sciencia, é raro quando atina,
E's capaz de tornar o mundo um êrmo,
Milhões de vidas tens levado ao termo,
E's em favor da morte, uma heroina!

Eu, sou a natureza, é a minha essencia,
Uma pharmacia, immensa, e bella e pura,
Não se póde enganar a minha sciencia,

Dize pois: Quel de nós é mais segura?
Eu, que tenho da doença a consciencia,
Ou tu, que quazi nunca lhe dás cura?

JUSTA VINGANÇA

PIADA

Quando eu estiver no céo já descançado,
Visto que Deus do mundo nada ignora,
Hei-de fallar com Elle d'hora a hora,
P'ra do mundo saber o seu estado.

E se Deus me disser que algum malvado
Meus versos, por mordaz por cá devora,
Eu perguntando a Deus onde elle móra,
De lá fustigarei o desalmado.

Dir-lhe-hei: Julgavas tu grande pedante,
Zoilo maldoso, e tôrpe corruptor
Que me escapavas, mesmo assim distante?

E zaz!... toza e mais toza, sem amor
Eu mandarei do céo ao meliante
E nem no cêo me escapa se lá fôr.

Entre um Barão e um Conde

Satyra

—Conde, tens com bom gosto decorada
E, em subido explendor a tua sala!
Parece d'um sultão armada em gala,
Que p'ra dar, beije-mão foi adornada!

Bellos jarrões da India, logo á entrada!
Tudo d'alta grandeza aqui nos falla!
Nem a sala d'um trono á tua iguala,
Mobilia nunca vi tão engraçada!

De madeira do ar! tudo disposto!
Nada se encontra aqui que desmereça!
'Té o sofá de galhos tem o encosto!

Aqui, mostra-se o esmero da condessa!
—Enganas-te, a madeira, e este bom gosto,
Tudo me germinou cá na cabeça. (1)

(1) O barro disse lá para os seus botões *Não duvido.*

Um lôgro para experiencia

SATYRA

Para experimentar os curandeiros,
Fingi ter uma colica terrivel,
E mandei chamar dois, parece incrivel!
O contrario opinar dos dois matreiros!

Ambos, impondo bem de bons certeiros,
Dizia um, que salvar-me éra possivel;
Outro, quê, a morte em mim éra infallivel,
E assim se debatiam os breijeiros!

Um, quiz dar-me um clyster de sóda e Orchata,
Outro, nem mesmo quiz receitar nada
Dizendo: «A morto, nem pasteis de nata.»

Levantei-me a fazer-lhes caçoada,
E'ra um alopata, outro homoeopata,
Com este lôgro, fiz-lhes dar patada.

Mais depressa se pilha um mentiroso que um côxo!

SATYRA

Eu racho, escacho tudo com a espada,
Dizia um *fanfarrudo* militar;
Em paz alto valor sempre a mostrar,
Sempre altivo, de prôa levantada;

As balas, para mim não valem nada,
A' mão sou bem capaz de as apanhar;
Se n'uma *charrafusca* um dia entrar,
Será a minha arrogancia bem provada.

Travou-se a guerra. e um combate azedo,
Da patria fez tornar o horisonte escuro,
E dava a cauza tenebroso enredo;

Quando o combate começou mais duro,
Fugiu o fanfarrão cheio de medo,
Afim d'ir pôr a vida no seguro. (1)

(1) Ou fazer outra couza . . .

AUSENCIA ILLEGITIMA

GALHOFA

A minha alma, um dia, sorrateira,
Dezertou do meu corpo, e foi sem p'rigo
Aprezentar-se a Deus, pedir abrigo,
Num cantinho do céo, muito *lampeira.*

S. Pedro, conhecendo a maroteira
Da transfuga velhaca, e, d'um postigo,
Perguntou-lhe:—Menina, traz com sigo
A guia?...Se a não traz, fez grande asneira.

Vá outra vez p'ra o mundo, até que um dia,
Ou do inferno ou do céo seja chamada,
Não se recebe cá ninguem sem guia.

Ella, humilde, encolhida, e envergonhada,
Voltou de novo á sua moradía,
E agora, está melhor, mais concertada.

VERDADE AMARGA

SATIRA

Foste guerreira outr'ora ó Patria minha,
Dominavas na terra meio mundo,
Tinhas por toda a parte, sem segundo,
Um trono magestoso de rainha.

Mas, no brio dos teus, deu tal morrinha,
Tão pestilento mal, e tão immundo,
Que, por dez reis te vendem p'ra rotundo
Vêrem o *fól* bem cheio ! e o teu definha ! ! !

Hoje, dos teus a mira, é só folgança,
Filhos tiveste outr'ora teus amigos,
Os d'hoje, são amigos só da pança.

Regentes, já não tens como os antigos,
São comilões os d'hoje, e d'alta chança;
E sobre ti, trovejam graves p'rigos.

Remoques entre o espirito e o corpo

GALHOFA

O espirito

—Quando eu era mais forte, eras tu leve,
Agora que estou fraco, és tu pesado,
E não te importa eu gema atrapalhado,
Queres que marche a passo d'almocreve;

A toda a parte exiges que te leve
Sem auxilio me pores d'um cajado,
Pois sabe meu pançudo descarado,
Que um dia *raspo-me* e talvez em breve.

O corpo

—Mas tens hoje edificio mais pomposo;
D'antes, 'stavas em mim mais oprimido,
Hoje vives á larga em pleno gôzo.

Hoje, deitaste já bem ao comprido
Passeias pela pança todo airoso,
Como d'antes, não andas encolhido.

Trica entre os pés e a cabeça

GALHOFA

Os pés

—Porque razão, fidalga impavonada,
Habitas lá p'ra os altos pyrinêos?!
Não sômos nós tambem do mesmo Deus
Obra feita a primor, bem acabada?

Damos a cada passo uma topada,
Os espinhos, p'ra nós, são uns judeus,
Vivemos quaes miserrimos sandêus,
E tu, sempre lá cima *repimpada !!*

A cabeça

—Amigos, não se julguem desprezados
Por viverem lá baixo; isso, se deve
A' lei da natureza, ás leis dos fados.

Se Deus é quem a sorte nos prescreve,
Deu-vos pêso, por serdes assizados,
E, eu, chocha, ando no ar por ser mais leve!

(1) E isso é verdade que eu reconheço em mim.

VICTIMAS DAS MODAS

SATYRA SERENA

A vaidade fatal que tanto impera
No genio da mulher 'té á velhice,
E as tras envoltas sempre na tolice
E a muitas, vicios mil lhes cria e géra.

E' defeito infernal que eu bem quizera
Deus a tão bellos sêres lhes banisse,
Pois, se vivessem livres de pieguice,
Cada qual mais valor assim tivera.

Aos escarneos da moda andam vergadas,
E' rara a que na moda é mais prudente,
A's vezes 'té provocam gargalhadas.

Ora chapeu fantasma! Ora alto pente!
Mangas de saco, cintas esticadas,
Parecem mais phantasmas, do que gente.

Tenham paciencia, mas são assim

SATYRA

Ninguem como as mulheres tem pericias
No modo d'enganar com imposturas;
Ellas, sabem dourar com mil ternuras
A inveja, e, apparentar doces caricias.

Quando se encontram, risos e blandicias,
Que meigas! Que extremosas creaturas!
Parecem almas santas! Almas puras,
Que teem em si dos anjos as permicias.

Beijam-se com afagos e carinhos,
Mostrando alta afeição, pura sem véo
Perfeitos serafins, ternos anjinhos.

Mas, quando voltam costas! Deus do céo!!
Retalham-se, co'a lingua aos bocadinhos,
È zaz! zaz-traz! zaz-traz! reu reu, reu reu!

A VAIDADE É DETESTAVEL

SATYRA

Se fosse cada qual quanto alardeia,
Seria o mundo um céo de divindades,
Formosuras, talentos e hab'lidades,
Nenhum tólo haveria, ou mulher feia.

Toda a gente desdenha a vida alheia,
Com as suas não acham paridades,
Nem tão alto saber!. . . Deus que vaidades!
A *bóla* d'illusões manteem cheia!

Cada qual, é da estirpe da nobreza!
Riqueza! então! são contos e mais contos!
Não entra na bazofia a vil pobreza!

Dê-se oitenta por cento de descontos
A tão alta bazofia e vã riqueza,
E vivam na illusão os pobres tontos.

MISEROS LOUCOS!

GALHOFA

E' pasmosa a illusão que n'este mundo
Dá completa cegueira á humanidade!
Ninguem em si encontra a realidade
Com bom criterio, com pensar profundo!

Não sei se bem acerto, ou me confundo;
Emquanto a mim, o Deus da immensidade
Fez, por ter dó de nós, por caridade,
De doidos este hospicio assim rotundo.

E nós, pobres idiotas, idiotando
Desde o nascer á mais senil velhice,
Cegos de prezumpção, vamos gozando.

De formosa a mulher tem a tolice,
Os homens, por mais tontos, vão julgando
Que são sabios e heroes! Tudo doidice!! (1)

(1) E eu tambem soffro d'este mal.

Depois de morto

GALHOFA

Mesmo no cemiterio quando possa
Safar-me do caixão aferrolhado,
Ao ver-me de cuidados desligado,
Das asneiras do mundo farei troça.

Tornar-me-hei um phantasma! e de palhoça!
Posta aos hombros, chapeu *esbadanado*,
De noite, e assim nas ruas disfarçado,
Metterei medo a gente fina e grossa.

E, se souber que existe um petulante
Que morde os versos meus, como um trovão
Bradarei:» Ouve lá bruto pedante!

«Só quem das musas tem a protecção,
Sabe cantar com arte; olha farçante:
Sapateiros não tocam rabecão.»

DANTES E HOJE

GALHOFA

P'ra o namoro, agora a mocidade
E fazerem render os corações,
Teem tal arte, tal geito e inspirações,
Que se torna engenhosa a habilidade;

Empregando a mais pura seriedade,
Transmittem seu amor a beliscões,
E, mesmo dando até cotovelões,
Acham p'ra namorar a faculdade.

Namoram com os pés, quando ás escuras,
Com motetes á luz do pleno dia,
E nos olhos impingem mil ternuras!

Nos meus tempos, assim não succedia,
Ninguem uzava d'estas imposturas,
E'ra *beijarrocada* que fervia.

Se eu fosse rico

SATYRA

Se eu tivesse fortunas fabulosas
De milhares de libras estrellinas,
Brilhantes e coraes e per'las finas,
E coisas inda mais, mais valiosas.

Palacios, com jardins, quintas rendosas,
Lagos com agua pura, aguas de minas,
Fontes, lindos chalets sob collinas
Com varandas e torres muito airosas,

Não tendo herdeiros, ao passar á morte,
Sem mais reflexionar e sem recato
Dispunha dos meus teres d'esta sorte:

«Tudo o que tenho, deixo a um cão e a um gato,
Disponho assim, e com razão bem forte,
Por que o genero humano é mais ingrato.»

Nunca julguei merecer tanto

SATYRA GALHOFEIRA

(A um zoilo que me fez grande elogio)

Pois eu terei um zoilo?! O' céos! ó terra!!
Ou será isto em mim vaidade insana?!
Um zoilo! Era ir alem da Taporbana,
Era um outeiro erguer-se a grande serra!

A minha musa, que sómente berra
Contra quem me incommoda, e que me engana
Mas rouca, e que parece ter esgana,
Acaso em si algum valor encerra?!

Caramba! ter um zoilo é ser um vulto
Que já projecta sombra, e cauza inveja,
Tão alto não julguei meu genio inculto.

Zoilo, tu que decerto és de Magueija,
Sabio como um tamanco, ou genio culto,
Não eleves quem fama não almeja.

Porto, 1878.

DECLARAÇÃO

SATYRA

Detesto os caloteiros fraudulentos,
Detesto os prezumidos e vaidosos,
Detesto os intrujões, os mentirosos,
Detesto os gabarristas por nogentos.

Detesto os sangue-sugas avarentos,
Detesto os titulares orgulhosos,
Detesto, até ao nojo, os invejosos,
Detesto os que se julgam uns portentos.

Este meu detestar não é maldade,
Nem porque encerre em mim alma damnada,
Ao contrario, eu sou todo bondade.

Se como um cão de fila, dou dentada,
Não é p'ra mal tratar a humanidade,
E' p'ra lhe dar juizo e p'ra mais nada.

CONVERSÃO

SATYRA

Vou tanger d'óra ávante a lyra d'oiro,
Vou a solfa mudar p'ra a melodia,
E' musica que tem mais sympathia,
Que ao poeta não dá tanto desdoiro.

Investir contra os vicios como um toiro
E' preciso, bem sei, mas, hoje em dia,
Já está tão sem vergonha a villania,
Que nem grande farpão lhe fura o coiro.

Vou cantar mariposas, borboletas,
Vou fazer elogios mentirosos,
Embora em verso impinja dez mil petas.

Serão amigos meus, 'té os maldosos,
Terei mil elogios nas gazetas,
E viverão em paz os viciosos.

Herança que deixo ao que mofar dos meus versos

GALHOFA

Não sei se morrerei, se fico eterno
'Neste mundo levando o meu boléo,
Nem posso adivinhar se vou p'ra o céo,
Ou para o purgatorio, ou para o inferno.

Sei que p'ra mim S. Pedro, olha mui terno,
Que Lucifer, me tira o seu chapeu,
Que S. Miguel se mostra amigo meu;
E eu na vida, bem sabes não governo.

Se morrer, e marchar para outro mundo,
Visto lá não comer, lá não preciso
De todo o corpo meu assim rotundo.

Deixo-te os dentes, menos os do sizo,
E um signal que das costas tenho ao fundo,
E esse, pódes beijal-o, mas. . . juizo.

UM LOGRO

GALHOFA

Pé aqui, pé ali, um dia *acoc'ranhado*,
Entrei em certa casa, sem ser minha,
P'ra dar uma beijoca na vizinha
Por quem andava ha muito já babado.

Ella, não presentiu eu ter entrado,
E eu, avançando a passo de gallinha,
Mirava com encanto a engraçadinha
Que estava ao espelho a vêr seu penteado.

Deu-me a tósse, tossi, ella espantada,
Num pulo se voltou sem nenhum custo,
Sem duvida a tremer sobresaltada.

Mas, ao voltar do seu corpo robusto,
Soltou um. . . grito e, muito atrapalhada,
Disse-me a gaguejar: «Meu Deus, que susto!» (1)

(1) E depois... já se ve, sempre houve beijoca.

O PODER DO DINHEIRO!

SATYRA

'Numa casa de jôgo conhecida
Onde a *batota* erguia alta delicia,
Entrou um regedor, com a policia,
De prender, na intenção bem decidida.

Impavido, arrogante e fronte erguida,
Disse aos *réos*, occultando a alta malicia:
S'tá tudo prezo! e, dou-lhes por noticia,
«Vão para o escuro aljube ter guarida!»

De supplicas ergueu-se alto berreiro,
O regedor recusa, e grita, e berra,
Quazi que amiaçando o mundo inteiro.

Par'cia um temporal tragando a terra!
Mas, por fim... o eloquente deus dinheiro,
Foi o archanjo da paz naquella guerra.

COMO A GENTE MUDA!

SATYRA

Manhosa velha musa desastrada
Fóge de mim, não quero os teus favores;
Tens-me feito passar por dissabores
Com tua protecção d'alma damnada.

De ti, já nada quero, nada, nada,
Que da satyra és mãe, mãe dos rigores,
E eu que sou todo amor, pai dos amores,
Não quero tanger lyra destemp'rada.

Nos vicios, mais não quero dar dentadas,
Que, por moda hoje os vicios são virtudes,
E' crime dar nos vicios catanadas;

Basta de versos mãus, de versos rudes,
Em vez de medir satyra ás canadas,
Quero offertar encomios aos almudes.

VERDADES

Dentada do auctor em si mesmo

Occupas-te a dar socos na poesia
Com palermas fumaças de poeta,
Quando se vê, não passas d'um pateta,
Em verso produzindo prosa fria.

Muda p'ra cavador tua mania,
Em que pódes tomar linha mais recta;
Movendo a enxada e pondo a penna quieta
Pódes fama alcançar de mais valia.

O mundo não end'reita com motetes,
Porque já não end'reita nem a tiro,
Muito menos com parvos *lamberetes.*

Olha pateta: Alem do que eu refiro,
Pódem vir sete Zoilos com cacetes,
E porem-te a cantar o tiro-liro.

O POLITICO

SATYRA

O politico acérrimo e teimoso,
No meu pensar, e humilde opinião,
Tem certa similhança com o cão
Que d'um ôsso não ter, ladra raivoso.

Pois que, qualquer pelintra, por manhoso,
Que tenha cinco reis d'illustração,
Em defeza dos cofres da nação
Verrinador se torna audacioso.

Desperdicios não quer, é seu bramar
Contra os que vão comendo á Patria amiga,
A inveja é quem o leva a batalhar.

E, lucta, lucta sempre e sem fadiga;
Mas, se lhe dão um ôsso p'ra chupar,
Cala-se, ou diz que a Patria já não p'riga.

ENFADO

Vou deixar repouzar a minha musa
Que já de me inspirar se vê cançada,
E por velha, zarolha e desdentada,
A' satyra e á galhofa se recusa.

Eu, sem ella, nem uma semifusa
Sei da lyra tirar bem afinada,
Nem um dicto me sahe p'ra a gargalhada,
E a satyra sahe mal, muito confusa.

Fiquem á larga os vicios e os sandeus,
Engordem á vontade, e passem bem,
Não os fustigam mais os versos meus.

Não sei, se ao versejar, feri alguem,
Se tal fiz, vou pedir perdão a Deus,
E a lyra vou vender por um vintem. (1)

(1) A qualquer dos assignantes d'este livro, custar-lhe-ha só dez reis.

No encontro de dois compadres

PIADA

—Olé compadre! Por aqui tão cedo!
Tão fresco por tão fresca madrugada!
Co'a garganta tão mal agazalhada
D'uma angina apanhar, não terá medo?!

—Eu sou mais forte ainda que um penedo,
Não tenho compleição afidalgada,
—Bem sei. Ora vá lá uma pitada
Do meu bello rapé que não é azedo.

—Obrigado. Não ando costumado;
Se cheirasse, veria que espirrava;
Fumo cigarro, mas, por desenfado.

—Pois, de que o vi cheirar, até jurava;
Ha muito que não tenho reparado;
Mas o compadre aqui atraz cheirava.

A um pelintra com basofias de fidalgo

SATYRA

Abaixa a enorme tromba impavonada,
Sê humilde, abandona essa vaidade,
Bem sabes que a mortal humanidade
Não pássa de ser pó, cinza, e mais nada.

Trazes a *cachimonia* emmaranhada
Em loucas illusões, mas . . . falsidade,
Que tu, nem tens d'um doido a habilidade
P'ra mexeres com arte uma salada.

Dizem que a impavidez te vem sómente
Por que um teu bisavô éra barão
Orçando assim por ti, quazi demente.

Pois amigo: Eu tambem já tive um cão
Que Marquez se chamava; e, francamente,
Nunca tive por isso presumpção.

CÓDA

Então leitor? Que tal foi a *estopada?*
Decerto lá dirá p'ra os seus botões:
«Mal empregados foram os tostões
Que eu dei por esta chocha versalhada!»

Mas, se p'ra ler o livro não deu nada,
A' bolsa não puxou pelos cordões,
Não é justo fazer lamentações
Porque nada perdeu com a empreitada.

O que o livro comprou, justo é, se ponha
A berrar contra o lôgro que eu lhe fiz,
E me chame poeta sem vergonha.

Mas eu, pésso perdão, fui infeliz,
Foi-me traidora a musa, tinha ronha,
E éra torta! inda mais que o meu nariz! (1)

(1) Foi Apollo, por ter ciumes de mim, que me inculcou este *estafermo!*

GALHOFA

Surriada aos meus assignantes

Só agora leitor é que eu lhe digo
Que o meu livro não presta para nada,
Em prospectos, fiz eu grande chilrada
Gabando o livro por ser uso antigo.

É um modo de roubar sem haver p'rigo
Emfim . . . trezentos reis, vá, não enfada,
Nem do assignante a casa é arruinada,
Nem lhe fica a familia ao desabrigo.

Mas, do livro a leitura?! Oh! que enfadonha!!
Faz dormir, 'té ficar-se atordoado,
Leva-nos a dizer: Pouca vergonha!!

Ora, eu, que sou um tanto descarado,
Gostava de espreitar a carantonha
Que o leitor faz ao ver que foi logrado.

DECLARAÇÃO

AOS MEUS ESTIMAVEIS ASSIGNANTES

A surriada que eu fiz, meus assignantes,
No soneto anterior, foi brincadeira,
Por que a expressão real e verdadeira
E' dar-lhes os p'rabens mais retumbantes.

Um livro, todo graças int'ressantes
Ficam tendo; e, ainda mais, d'esta maneira,
Sem grande prejuizo na algibeira
Mostram não serem fônas e ignorantes.

P'ra o livro publicar, busquei leitores;
Um livro sem leitores não se vende,
Fonices encontrei 'noutros senhores!

Não estranhei; miseria não surprehende;
E, ha gente a quem um livro cauza horrores,
As lettras, são p'ra quem lettras entende.

Aos meus assignantes eterna gratidão.

FIM

OBRAS DO AUCTOR D'ESTE LIVRO

VENDEM-SE EM DIVERSAS LIVRARIAS DO REINO E EM BAMEGO EM CASA DO AUCTOR

Recreios Poeticos	1	Volume
Idem, idem.	»	»
Idem, idem.	»	»
Harpa Eólea—(Poesia) . .	»	»
O Destino—(Romance) . . .	»	»
Infinito Amor, idem . . .	»	»
Scenas da Minha Aldeia, idem .	»	»
Elvira d'Armenio—Poesia . .	»	»
Gracejos—(Verso humoristico) .	»	»
Satyras e Galhofas, idem. . .	»	»
Romores da Tarde—(Poesia). .	»	»
Punição—(Poemeto dramatico .	»	»
Portugal—Poema corographico .	»	»
Portugal—Poema historico . .	»	»

PARA PUBLICAR

Lagrimas—Poesia	1	Volume
Carapuças—Satyras mansas . .	»	»
Piadas—Livro de sonetos . .	»	»
Poema da Naturesa	»	»
Patria e Familia—Poesia . .	»	»
Vingança d'um Bandido—Rom .	»	»
Flores singelas—Poesia . . .	»	»

Erratas:—Pagina 43, verso 8.º, onde se lê *insoriptor*, deve ler-se escriptor. Pagina 166, nota, onde se lê *endirita*, leia-se indireita. Pagina 171, nota, onde se lê o *barro*, leia-se o barão.